



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG

CRISTHIANE APARECIDA DE SÁ LIMA DOS SANTOS
JOELMA DIAS DE PONTES DUTRA

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA PARA O
DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ALUNO DAS SÉRIES
INICIAIS.**

Orientadora: Ana Maria Marques Santos

MESQUITA
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA PARA O
DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ALUNO DAS SÉRIES
INICIAIS.**

**CRISTHIANE APARECIDA DE SÁ LIMA DOS SANTOS
JOELMA DIAS DE PONTES DUTRA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista na Pós – Graduação Lato-Senso, Desafios do Cotidiano: A educação das crianças de 0 à 10 anos.

MESQUITA
2009

CRISTHIANE APARECIDA DE SÁ LIMA DOS SANTOS

JOELMA DIAS DE PONTES DUTRA

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA PARA O
DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DO ALUNO DAS SÉRIES
INICIAIS.**

APROVADA EM 22 DE OUTUBRO DE 2009

Banca Examinadora

.....
Prof.^a Orientadora - Ms. Ana Maria Marques Santos – UFRRJ/DES

.....
Prof.^a Dr^o Lilian Ramos – UFRRJ/ DES

.....
Prof.^a Dr^o Cristiane Cardoso – UFRRJ/DES

Dedicatória

Dedicamos este trabalho a todos que se preocupam com a melhoria do processo da educação, e que lutam por uma mudança no contexto social, em especial, à nossa Orientadora, professora Ana Maria Marques Santos, por ter se empenhado nesta causa e ter nos ajudado a chegar até aqui.

Agradecimentos

Agradecemos a colaboração de todos que, direta e indiretamente contribuíram na elaboração desse trabalho.

A Deus, mentor maior da minha direção e a minha família que em todos os momentos estiveram presentes para me apoiar e me ajudar em mais uma luta e em especial, ao meu filho Igor, porque só um dia ele poderá entender todas os dias, noites, horas, em que teve que ficar “sozinho”.

Cristhiane Lima

A Deus em primeiro lugar: sem a sua luz, não teria força e determinação; aos meus filhos: Ronan e Thaís, que foram os mais sacrificados e ao mesmo tempo pacientes com a minha ausência; À minha mãe, estando sempre me ajudando e ao meu marido que sempre me apoiou.

Joelma Dias

RESUMO

Este estudo buscou analisar as relações escola-família em duas unidades escolares, sendo uma privada e outra pública, no bairro de Rocha Sobrinho, no município de Mesquita - RJ. Os dados foram obtidos através de entrevistas semidiretivas com as famílias e com as crianças, e questionário aberto com os professores. Partimos da análise bibliográfica relatando os fatores históricos desde o início da estrutura da família, especificamente, em relação à infância, até os dias de hoje, compreendendo através de todo este processo, o momento atual das relações família e escola. Os resultados da pesquisa quanti-qualitativa, através de um estudo de caso comparativo, nos demonstra que falta às famílias o olhar mais do coletivo por parte da escola privada, ou seja, a necessidade democrática, e o olhar ao singular, pela escola pública, olhar este marcado pela falta de maior afetividade e amorosidade. Porém, há destaque para a necessidade da democratização de ambas unidades escolares e da abertura mais afetiva com as famílias, a fim de que se estabeleçam vínculos de co-responsabilidade, para que estas possam ser mais atuantes, participantes. Nesta relação democrática entre as famílias e a escola, geram-se tanto possibilidades de contribuições ao desenvolvimento integral das crianças, como também, dos professores e das próprias famílias.

Palavras-chave: Família, Escola, Relação família-escola.

ABSTRACT

In this study we examine the relationship school-family at two schools units, one private and one public in the neighborhood of Rocha Sobrinho, municipality of Mesquita – State of Rio de Janeiro. Data were obtained through open interviews with families and with children, and the open questionnaire to the teachers. We start the literature review reporting the historical factors which influence the structure of the family, specifically in relation to childhood, today, including the present moment of family relationships and school. The results of the quantitative-qualitative research a comparative case study, demonstrate that families lack the look of the Collective in the private school; and a democratic perspective in the public school, while both are marked by an absence of affection and lovingness. The results emphasize the need for the democratization of both units and the school to become more affectionate with their families in order to establish links of co-responsibility, so they can become more active participants. This democratic relationship between families and schools, has a potential for generating important contributions to the integral development of children, as well as teachers and their families.

Keywords: Family, School, family-school relations.

372.98153 Santos, Christhiane Aparecida de Sá
S237i Lima dos, 1978-

A importância da relação família-escola para o desenvolvimento integral do aluno das séries iniciais / Christhiane Aparecida de Sá Lima dos Santos, Joelma Dias de Pontes Dutra. - 2009.

61 f. : il.

Orientadora: Ana Maria Marques Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em "desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos") - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto Multidisciplinar.

Bibliografia: f. 54-56.

1. Ensino fundamental - Mesquita (Rio de Janeiro, RJ). 2. Escolas de ensino fundamental. 3. Pais e professores. 4. Professores e alunos. I. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto Multidisciplinar. Curso de especialização em "desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos". II. Dutra, Joelma Dias de Ponte, 1973-. III. Santos, Ana Maria Marques, 1964-. IV. Título.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1 - INTRODUÇÃO	12
1.1 - A estruturação das famílias e a importância de sua participação na escola.....	13
1.2 - Buscando entender o assunto – Um pouco da história, o passado e o presente que se misturam.....	15
1.3 -Nos dias de hoje –a situação real a justificativa.....	17
1.4 - Objetivos	18
1.5 - O Desafio: afirmar a importância da relação família-escola.....	18
1.6- Os caminhos Teórico-Metodológicos.....	19
1.7- A organização deste Estudo.....	23
2 - O QUE AS LEIS DIZEM SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS E O PREPARO DO PROFESSOR PARA SE RELACIONAR COM ELA	25
2.1- As leis em consonância com a educação.....	25
2.2- E a formação do Professor?.....	28
3 - A RELAÇÃO FAMÍLIA - FAMÍLIA.....	31
3.1- Cultura – da teoria à prática.....	31
3.2- A relação da comunidade escolar com a cultura, a mídia e o consumo.....	32
3.3- A escola como aliada no processo de reconhecimento cultural.....	34
4- A RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA, UM OLHAR SOBRE O CAMPO	37
4.1- Um pouco do João Paulo.....	37
4.2- Agora, um pouco do Castelo Branco.....	38
4.3- O resultado da pesquisa.....	39
4.4- Quadros comparativos.....	39
4.5- A análise comparativa: o diálogo entre a experiência educativa e de relações no público e no privado.....	43
4.6- A nossa vivência enquanto educadoras da Escola Municipal Presidente Castelo Branco.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXOS	57

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho conjunto, e como tal, sentimos a necessidade de dizer de que lugar caminhamos cada uma de nós, e como estamos fazendo agora esse percurso, nesse momento, de forma coletiva.

Eu, Cristhiane Aparecida de Sá Lima dos Santos, tenho 31 anos e sou professora da Educação Infantil. Sempre gostei muito de crianças, por isso, quando pensava em profissão, pensava: - Vou ser professora?! E a cada aula do curso de Formação de Professores no Colégio Municipal Governador Roberto Silveira me descobria e, assim, entendi a minha relação com “gostar de criança”. Percebi que estava no lugar certo. A primeira turma? Maternal. Foi amor à primeira vista! Trabalhar com a educação infantil é realmente fascinante, tanto, que estou até hoje. Após o Ensino Médio, onde tive a certeza do que eu queria, entrei para a Faculdade, onde cursei Pedagogia. Estou dando aula! Sou Professora! Desejos, anseios, pensamento no futuro como educadora.

Em 2003 fui convidada a ser Orientadora Pedagógica (10 segmento do fundamental), e foi outra grande aprendizagem, pois eu só pensava nos “pequeninhos” e então descobri os “maiorzinhos”, que eram muito diferentes, mas não menos encantadores. Aprendi a falar a ‘língua’ deles, do que eles gostavam, da modernidade...assim, conquistei a confiança deles e eles a minha e com esta reciprocidade de respeito foi muito fácil trabalhar, pois podia sugerir o esquema de trabalho aos professores e então, a parceria fluía muito bem. Assim, foram maravilhosos três anos e então, percebi que sou apaixonada pela educação e esta não tem idade. E também, foi neste período que comecei a entender como funcionava a dinâmica da relação das famílias com a escola, a observar as dificuldades e a pensar em situações que pudessem ser alternativas àquela situação.

A minha maior felicidade foi ser aprovada no concurso público para a Prefeitura de Mesquita/SEMED, em 2006, onde tive a oportunidade de voltar a trabalhar com os pequenos. Hoje, exerço a minha linda profissão, e desde o início da mesma as questões da participação família-escola me acompanharam. Percebi nesse percurso alguns casos e situações que foram acontecendo e me entristecendo, me fazendo perceber o quanto era ruim para a criança que sua família estivesse “distante” e vice-versa para a escola.

Nesse sentido, está sendo uma grande oportunidade fazer este Curso de Pós-Graduação e poder estudar, refletir e produzir sobre meus anseios e práticas. Pesquisar o que

me intriga, é descobrir o desconhecido, e saber, mais proximamente onde tenho que modificar, se é preciso modificar, e como posso fazer isto, sem afetar nenhuma das partes.

Eu, Joelma Dias Pontes, tenho 35 anos e em 1991 estava terminando o Ensino Médio, antigo 2º grau, fazendo Técnico em Administração. Apesar, de ter um certo interesse na área educacional, fui fazer o curso Técnico de Administração porque trabalhava em uma fábrica e não havia encontrado nenhuma escola noturna de Formação de Professores.

No último ano dessa formação, uma professora falou do curso de Pedagogia, e me interessei bastante. No ano seguinte estava eu cursando Pedagogia na UNIG/NI e logo depois acessei o Curso na Faculdade de Educação da UERJ de Duque de Caxias.

Apaixonei-me pelo o curso, apesar de ficar um pouco perdida, me sentindo um “peixinho fora d’água” por não ter feito o curso de formação de professores, mas depois fui me encontrando. Após a formação, fiz meu 1º concurso público, e em setembro de 1996 fui chamada na Prefeitura de Nova Iguaçu, onde comecei a minha primeira experiência em sala de aula.

No ano de 2001, o Município de Mesquita foi emancipado de Nova Iguaçu, e como a escola que trabalhava pertencia a Mesquita, optei em ficar fazendo parte do quadro de funcionários de Mesquita. Cheia de incertezas e insegurança, mas ao mesmo tempo com muitas esperanças de inovações. E realmente, foi válido, porque tive muitas experiências. A primeira foi no mesmo ano, quando mudei para uma escola mais próxima, e chegando lá não havia mais vaga para o diurno, e me deparei com o que sobrou: uma turma de 4ª série de EJA. O medo do novo, do diferente, me assustou, mas resolvi aceitar, e amei trabalhar com EJA. Fiquei dois anos, pois tive que ceder a vaga para uma amiga que precisava muito trabalhar à noite.

Ao retornar para o diurno, peguei uma turma de Educação Infantil, porém fiquei só até o meio do ano com a turma, porque me convidaram para trabalhar na sala de recursos, que estava sendo implantada naquele ano na rede. E mais uma vez o medo tomou conta das minhas emoções, mas como sempre, gosto de enfrentar desafios e aprender através da prática então, aceitei, e fiquei dois anos na sala de recursos. Gostei muito, aprendi bastante, mas senti necessidade de voltar para EJA, e na volta em 2005, fui trabalhar com sala de leitura com turmas de 5ª a 8ª série da EJA, onde me levou a pesquisar e aprender para trabalhar, como nos outros momentos. Em 2006 fui desviada de função e comecei a trabalhar como Orientadora Educacional na mesma escola, onde me encontro até hoje.

Em Abril de 2002, após ser aprovada no concurso, havia sido convocada em São João de Meriti, com a função de Orientação Educacional. Em toda minha trajetória profissional, sempre tive uma preocupação com as famílias dos alunos. Quando comecei a lecionar na rede municipal de Nova Iguaçu, tive vários alunos que apresentavam dificuldade de relacionamento, de concentração, de aprendizagem etc., e quando chamava a família para conhecer um pouco do contexto familiar, cultural e social desses alunos, me deparava com varias situações que me deixavam perplexa, porém, diante dessas descobertas e contatos conseguia ter outra visão desses alunos, ou seja, conseguia me aproximar mais deles e vice versa. A partir dessa aproximação conseguia também atingir meus objetivos educacionais e pedagógicos. Foi com essa visão que no curso de Pedagogia comecei a pensar em elaborar projetos que a escola pudesse desenvolver para aproximar as famílias e através disso conhecer melhor nossos alunos, e conseqüentemente planejar melhor as aulas e ações pedagógicas para o aluno real que temos.

Essa realidade permanece na agenda, precisando ser bem pensada e definida no PPP da escola, na ação docente e de toda comunidade escolar, de forma séria e contínua, e não apenas em momentos pontuais, ora trazendo a família em momentos de festas ou para as reclamações ‘cotidianas’ sobre seus filhos.

Duas trajetórias diferentes, mas com o mesmo objetivo, o encontro e busca de uma educação melhor para todos. Nos unimos nessa pesquisa, para aprofundar questões teórica e metodologicamente, colocar nossa experiência em partilhar refletida – “o nosso ponto de vista”, para aprender como realizar esse fazer, e para enfim praticá-la. Temos a consciência de que não vamos operar milagres, mas o que queremos é iniciar a busca concreta de tentar modificar o nosso espaço de ser-fazer educação.

1 - INTRODUÇÃO

A família é uma entidade histórica, interligada com os rumos e desvios da história, mutável na exata medida em que mudam as estruturas e a arquitetura da própria história através dos tempos. Sabe-se, enfim, que a família é, por assim dizer, a história, e que a história da família se confunde com a história da própria humanidade (GOBBO, 2000, p.1).

Este trabalho monográfico tem como intuito trazer a discussão sobre a importância da presença da família na escola, evidenciando que essa importância se deve ao fato de que se a escola visa o desenvolvimento integral do aluno, deve buscar conhecer este aluno em sua integralidade, sendo a família parte principal deste todo. Cientes disso, as famílias poderiam e deveriam contribuir e participar, juntamente com escola, de todo o processo de desenvolvimento do aluno, principalmente os das séries iniciais, onde é formada a base educacional e social dessas crianças “A criança, ser em maturação, cidadão do futuro, esperança de uma humanidade é desalojada por uma criança parte da humanidade, que é fruto de sua tradição cultural mas que é capaz de recriá-la (KRAMER, 2002, p.29)”. Entretanto, existe uma complexidade de fatores que (inter) ferem essa possibilidade, e que atingem tanto as famílias, quanto à escola, e os quais pretendemos elencar no decorrer dessa discussão. (condições sócio-econômicas, ambientais, culturais, de políticas públicas, etc...).

Partindo das discussões teóricas sobre o tema, assim como da revisão bibliográfica sobre o mesmo, pretendemos, juntamente com pesquisa de campo e as produções da área, analisar como tem se dado essa relação da escola com as famílias “A relação família-escola não diz respeito apenas aos filhos-alunos, mas a todos, familiares, professores e comunidade em geral (MEDINA – site tve brasil, acesso em 2009)”, o nível de importância que é dada a essa relação, em especial, por parte da escola e das políticas públicas, sendo ela, segundo nosso olhar, experiência e literatura, um fator fundamental para o desenvolvimento integral da criança na escola e na vida.

Trabalhamos em uma escola pública localizada no bairro de Rocha Sobrinho, no município de Mesquita – lugar de onde falamos essas pesquisadoras, e a vivência nessa escola vem se dando como educadoras: uma como professora de Educação Infantil e outra como Orientadora Educacional. Isso tem sido um desafio, nos fazendo pensar e refletir muito sobre o assunto. Nesta escola, partindo de nossa experiência, a presença da família não é tão evidente, pelo contrário, há mais famílias ausentes, sendo esse (não) movimento sentido e refletido na sala de aula por professores e alunos. Temos como realidade, alunos dispersos,

agressivos e distantes, e essa ausência da família pode ser um dos fatores que influencia nessa realidade.

Nossa dificuldade em conseguir envolver o aluno, despertá-lo para as diversas construções de aprendizagens é evidente; comprometendo a possibilidade de garantir um processo educativo integral. Como educadoras, temos consciência de que a participação das famílias, somente poderá se dar de forma mais efetiva, em acordo com um projeto político pedagógico concreto, de fato e de direito, onde a escola e as políticas públicas estejam claras, definindo os papéis e os compromissos de ambos. Como a escola poderia ajudar nesse quadro?

Neste estudo, direcionado para a grande lacuna existente entre esses dois eixos fundamentais na educação de crianças – família-escola, e cremos, que esta superação seja uma grande necessidade de ambos, o estabelecimento da cumplicidade necessária, seria propiciada através de oportunidades de descobertas e conflitos, na busca de enfrentamentos e caminhos possíveis.

Entendemos que é um assunto muito delicado, pois não depende da vontade de um sujeito e sim de vários movimentos e políticas. A comunidade escolar precisa mudar o seu pensamento e agir, mas primeiro precisa entender o assunto e realmente compreender a sua importância. Essa mudança deve começar na formação do professor, passando pela Direção da escola, sendo atuante e ajudando na compreensão do assunto pelos funcionários até chegar às famílias, envolvendo toda a comunidade escolar. Depois de compreender o assunto através do contato com a realidade, da pesquisa e do diálogo com a literatura de área, ficará mais viável trabalhar essa relação e é isso que esperamos. Temos que fazer uma ‘in (ter) venção’ e então, teremos outras possibilidades e outros caminhos, para trabalhar o ambiente escolar, visando a possibilidade participativa de família, professores e alunos, e demais membros da comunidade escolar e não-escolar envolvida ou a se envolver.

1.4 A estruturação das famílias e a importância de sua participação na escola.

Assim, Lahire (2004, p.33) definiu o conceito da constituição das famílias: “se constituem em indivíduos de situações singulares, relações efetivas entre os seres sociais interdependentes, formando estruturas particulares de coexistência” e, claro, todas as famílias deveriam assim ser constituídas, mas a realidade é bem diferente. Já pela própria constituição, seria difícil a convivência, pois cada um tem as suas particularidades, singularidades e o outro, deve estar disposto a aceitar as diversas situações. Hoje as famílias vão se formando

das diversas maneiras possíveis, “às vezes fortes demais, desestruturantes demais, ou abstratas demais para compreender certas modalidades do social (LAHIRE, 2004, p.33)”.

Nesse sentido, caso a sociedade, não esteja preparada para compreender – mais que aceitar, e participar destas diversas manifestações, encontrará dificuldades nessa relação, no nosso foco, a relação família-escola.

A realidade da nossa escola tem mostrado cada vez mais, uma certa diversidade na formação das famílias, e a comunidade escolar ainda tem dificuldade para compreender essa diversidade.

Os fatores sócio-econômicos são concretos e perversos. Ora por sobrevivência, ora por sustentação de nível social – vide consumo, tendo em vista que vivemos uma economia capitalista, e o mundo do trabalho está a ela atrelado, bem como toda a vida social, o fator trabalho passa de variável a fator principal na ocupação do tempo das famílias. Os pais ou responsáveis, acabam deixando de participar um pouco mais da vida de seus filhos, posto que segundo Lahire (2004, p.24), “as condições econômicas de existência são condições necessárias, mas seguramente não suficientes”. As famílias, assim como os pais, muitas vezes precisam se desdobrar em vários empregos, formais e informais que possam garantir o sustento de seus filhos.

São dois os principais objetivos da interação escola famílias. De um lado visa propiciar o conhecimento dos pais e responsáveis sobre a proposta pedagógica que está sendo desenvolvida... de outro lado, favorece e complementa o trabalho realizado na escola com as crianças, na medida em que possibilita que se conheça seu contexto de vida (KRAMER ,2004, p.100).

Enquanto educadoras, sabemos o quanto se faz necessário a presença dos pais, mas também sabemos que por muitas vezes, a ausência não é proposital, então, esse estudo, visa evidenciar a importância da relação das famílias com a escola para o desenvolvimento integral do aluno, visto que, “um pai, quando conta histórias ao seu filho, este capitaliza - na relação afetiva com seu pai – estruturas textuais que poderá reinvestir em suas leituras ou nos atos de produção escrita (LAHIRE,2004, p. 20)”, isto significa que, a presença do pai é muito importante para a criança, logo, isso se reflete na escola, e seu desempenho e desenvolvimento só tendem a crescer.

Pensando no desenvolvimento integral do aluno, (WALLON, 2004, p. 41) fala que “as transformações fisiológicas em uma criança revelam traços importantes de caráter e

personalidade. Seus sentimentos ganham função relevante na relação com o meio”. Então, desenvolver a afetividade com a criança é compreender seus atos e entender sua vivência no meio social e familiar. Continuando na mesma linha de pensamento, (VYGOTSKY, 2004, p. 58) coloca que “na ausência do outro, o homem não se constrói homem”. Essa interação é muito importante para o crescimento de qualquer pessoa, e é isso que a escola deve ter como proposta para realizar uma boa educação. Completando, (PIAGET, 2004, p. 56) escreve que “o professor não pode pensar no que o aluno é, e sim no que ele pode se tornar”. A escola tem que preparar para o futuro, pois o aluno já é o presente e não é assim que ele quer ficar pra sempre. Para dar conta desse desenvolvimento integral, a escola tem que começar a pensar no aluno como um todo e buscar conhecê-lo, sua vida e sua família, que por fim, precisam estar interagindo com a escola, ter o mesmo objetivo e ajudar para que esse objetivo seja alcançado.

O importante é o relacionamento, os sentimentos, a afetividade. “Por que afetividade? Por que é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade (ROSSINE, 2001, p. 16)”. A afetividade passada pela escola é reproduzida em casa e melhorando a relação entre as famílias, conseguiremos melhorar a relação com a escola. Aprofundando neste assunto, analisaremos essa questão na relação família e escola, já que a família pode contribuir positivamente para o desenvolvimento integral do aluno.

1.2- Buscando entender o assunto: Um pouco da História - o passado e o presente que se misturam

Se já vimos como se constituem as famílias, “a criança será percebida pela sociedade de forma diversificada ao longo dos tempos conforme as determinações das relações de produção vigente em cada época (FARIA, 1997, p. 09)” ou seja, cada sociedade segue seus modelos, as tendências e os costumes de sua época. A Idade média, por exemplo, foi uma época marcada por “não existir um sentimento de infância, assim a criança era considerada um adulto em pequeno tamanho, pois executava as mesmas atividades dos mais velhos (FARIA, 1997, p. 10)” e todos viviam da mesma maneira e praticavam os mesmos sentimentos, pois a sociedade era assim.

Nesta época ainda não existia escola para a classe popular, então, “toda criança a partir dos sete anos de idade, era colocada em famílias estranhas para aprender os serviços domésticos (FARIA, 1997, p. 11)” e era assim que acontecia o aprendizado, nas relações com as outras famílias. Mas quem disse que a criança precisava sair de casa para aprender com outra família? Porque não aprender os serviços domésticos em sua própria casa? Marcas de

uma sociedade. Era assim que agiam na época e era assim que julgavam ser o correto. Estes sentimentos foram mudando com o tempo e na Idade Moderna surgiram as primeiras manifestações, sentimentos e pensamentos à infância, “a substituição da educação prática pela teórica foram correspondidos pelos pais (FARIA, 1997, p. 13)” e assim, começava uma nova tendência, um novo modelo que aos poucos foram sendo seguido por todos. “Esta aproximação pais-crianças, gerou um sentimento de família e de infância que outrora não existia e a família começou a se organizar em torno dela e então a escola começou a ser ampliada (FARIA, 1997, p. 13)”.

Se a formação das famílias e a ampliação das escolas supõem-se então, que, logo em seguida venha a relação das famílias com a escola, assunto que hoje está muito evidente, pelas diferenças nas formações destas famílias. Se a sociedade segue os modelos vigentes e se acostuma à sua época, (FARIA FILHO, 2000, p. 46) afirma “que a relação entre escola e família é, sempre, relacionada às mudanças sociais em curso”. Deveria ser assim e vai ser assim, quando a escola aceitar estas tais mudanças sociais e sair do estagnado, pois, o que está acontecendo, é um grande distanciamento e então “a família fecha-se em casa e a escola fecha-se sobre si mesma, e não se incomoda pelo que vai fora (FARIA FILHO, 2000, p. 46)”.

“Na sociedade pós-moderna, família-escola precisam trabalhar juntas, tornando-se parceiras, mas, para isso acontecer, deve haver uma soma entre ambas, e não um “atropelamento” de uma parte pela outra (TIBA, 1998, p. 157)”. Mas como trazer a família para a escola? Será que é possível torná-la participativa no processo de ensino-aprendizagem? A família estará disponível para corresponder os anseios da escola? E a escola estará disponível para acolher as famílias, despindo-se de qualquer julgamento? Quando há fracasso escolar de quem é a responsabilidade?

Sabemos que a classe popular é constituída da diversidade de grupos e para compreendê-los, devemos antes de compreender as suas raízes culturais, seu local de moradia e a relação que mantém com os outros grupos. Essa é a clientela da escola pública, pessoas carentes que utilizam a escola, mas que na verdade, demonstram não saber o seu funcionamento, nesse contexto, “é necessário que haja o esforço de compreender as condições e experiências de vida assim como, as ações políticas da população sejam acompanhadas com uma maior clareza das suas representações e visões do mundo (VALLA, 1996, p. 182)”. Além disso, “Não pode se contentar em compreender o que ocorre dentro do indivíduo, mas precisa admitir que processos internos e externos têm uma significação anterior à existência do indivíduo (FREITAS, 2007 p. 21)”, ou seja, não basta julgar o aluno pelo que apresenta em sala de aula, e sim entender o que acontece em sua vida para que justifique suas atitudes.

1.3- Nos dias de hoje – A situação real, a justificativa.

A relação entre família e escola, deve favorecer ambas as partes. A escola não deve jogar a responsabilidade na família e nem cobrar por situações que não precisa, assim, como as famílias, não devem exigir que a escola seja a principal responsável e achar que ela sozinha consegue dar conta do crescimento e do desenvolvimento de todos os aspectos da criança. A escola tem que começar a conhecer a sua comunidade, as suas crianças e as famílias, assim como as famílias devem começar a freqüentar a escola, com a intenção de conhecer seus funcionários e seu tipo de trabalho. “Se currículo considera a realidade social e cultural das crianças, entendemos a relação escola-famílias na sua dimensão social, respeitando os modos de agir e pensar dos pais, mas, explicitando nossas metas, atitudes e prioridade (KRAMER, 2004, p. 100)”.

Algumas famílias podem pensar que a escola tem a responsabilidade de sozinha educar e ensinar os seus filhos, por conta disso, existe uma grande falta de contato dessas famílias no que diz respeito a todo processo escolar da criança, mas sabemos da importância da participação, colaboração e interesse dos pais para o desenvolvimento integral do aluno. “É necessário que os pais se acostumem a visitar freqüentemente as escolas onde seus filhos são educados (FARIA FILHO, 2000, p. 48)”. Como consequência deste distanciamento, a escola tem dificuldade de comunicar-se com os responsáveis, obter informações dos alunos sobre certas situações que estejam ocorrendo em sala ou mesmo em casa e neste caso, a ajuda da família é imprescindível.

Por outro lado, em grande parte das famílias o motivo da ausência é devido à falta de tempo daqueles que trabalham fora. Outro agravante é a questão da falta de informação dos pais, “Já ouvi de famílias: No primeiro ano eu já sabia tudo isso! E com toda a sua lógica vão deduzindo: o ensino antigo era melhor. Esta queixa dos pais se justifica pela ignorância dos métodos atuais do ensino (FARIA FILHO, 2000, p. 47)”. Eis que então surge à questão do bom relacionamento entre escola e família: a escola deve informar, assim como a família deve participar, e unidas, poderão conseguir o sucesso desejado – o desenvolvimento integral do aluno.

Às vezes, as famílias não querem chegar até a escola porque sabem que só ouvirão reclamações, então, elogios e elevação da auto-estima já seria um bom começo. Os pais devem ter a consciência de que são importantes para o desenvolvimento do aluno. “Quando os pais participam das reuniões propostas pela escola, em geral, o desempenho escolar dos seus

filhos melhora (TIBA, 1998, p.164)”, então porque não mostrar esse desempenho para eles? Fazer uma reunião só para mostrar os índices de desenvolvimento do aluno, do seu filho.

Essas são as razões da busca de uma integração consistente e permanente da família com a escola. “Os professores alimentam, ainda, a ilusão de uma maior participação da família na escola, que seria resultado de uma ação formativa da escola em relação à família (FARIA FILHO, 2000, p. 44)”. Esse é o caminho que a escola deve buscar, a formação da relação com as famílias; e, claro, antes da formação deve vir à informação. Assim, a pesquisa de campo e os referenciais teóricos, serão necessários para reconhecer essa importância.

1.4 - Objetivos

A relação família-escola é o enfoque do nosso objeto de estudo, é a partir dele que buscamos captar e ouvir as demandas existentes, e é para ele que queremos devolver e reverter essa experiência de estudo, considerando melhorias para todos os envolvidos no processo família-escola.

Portanto, o objetivo geral deste estudo foi o de **analisar como procede a relação família-escola no contexto escolar em foco**, e **mais especificamente**, buscamos **compreender as concepções e atitudes das instituições família e escola em suas atuações e limites no processo educacional**, e as possíveis influências desta relação no desenvolvimento integral da criança.

1.5 – O Desafio: afirmar a importância da relação família-escola

Diante de uma sociedade onde a estrutura familiar se encontra bastante abalada, temos vários modelos de família. “A constelação familiar hoje conta com filhos, meio-filhos e filhos postigos resultantes de diferentes casamentos, tanto do pai quanto da mãe. Com isso tudo, a educação doméstica ficou ainda mais complicada (TIBA, 1998, p.158)”.

Foi nossa intenção nessa pesquisa sustentar que, independente da estrutura familiar em que a criança esteja inserida, se ela tiver o apoio e a atenção necessária das pessoas com que ela convive e se essas pessoas tiverem um bom relacionamento com a escola, provavelmente, esta criança terá mais chances de obter um desenvolvimento integral mais saudável. Isto, aliado a todo um projeto e comprometimento pedagógico da escola e seu corpo de educadores.

A família é algo essencial na vida de qualquer pessoa. A forma como essa família conduz a educação escolar da criança é de grande importância para a escola: “os efeitos sobre a escolaridade da criança podem variar com as formas de incitar a criança a estudar para ter “sucesso” segundo a capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os seus objetivos (LAHIRE, 2004, p. 29)”. Existe a necessidade de estarmos trabalhando em parceria, ou seja, cada um fazendo o seu papel, sem “jogar” a responsabilidade para o outro. Precisamos parar a bola! Eu jogo pra você, você joga para o outro, que volta para mim e ninguém quer saber de segurá-la, ou seja, o problema é transmitido para o outro, sem que ninguém queira tomar as providências. Então, o pontapé deve ser nosso, dos professores de educação, da escola.

“Só quem se sente pertencendo a um time o defende com unhas e dentes. Assim são os pais e filhos – e professores e educadores (o grifo é nosso), que se sentem pertencendo a uma escola: Todos formam um time afetivo e eficiente (TIBA, 1998, p.165)”.

1.6 - Os caminhos teórico-metodológicos

Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a idéia central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos que precisam de cuidado e atenção. Elas gostam de aparecer, de ser reconhecidas, mas é correto expô-las? Queremos que a pesquisa dê retorno para a intervenção, porém isso pode ter conseqüências e colocar as crianças em risco. Outras vezes, elas já estão em risco e não denunciar as instituições ou os profissionais pelo sofrimento imposto às crianças nos torna cúmplices! Nesse sentido, as respostas ou decisões do pesquisador podem não ser tão fácil como pareceria à primeira vista (KRAMER, 2002, Pág.01).

Pesquisa com crianças, sua vivência e seu meio realmente não é tão fácil pela exposição da vida de cada uma delas, por isso, optamos por não revelar os nomes das crianças entrevistadas e nem as escolas das quais elas fazem parte. Procuramos manter discrição, para que fosse realizada com a máxima verdade, para então relacioná-la com os teóricos que embasam nossa pesquisa.

Para alcançar os objetivos propostos, desenvolvemos um estudo de caso comparativo “onde o objeto é uma unidade que se analisa profundamente. É uma investigação que se assume como particularista, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico (RODRIGO, 2008, p. 03)”. Também é um estudo de caso intrínseco, onde “busca-se melhor compreensão de um caso apenas pelo interesse despertado por aquele caso particular (ALVEZ-MAZOTTI, 2006, p.06)” entre duas escolas, uma pública e outra

particular do município de Mesquita. As escolas ficam muito próximas, situadas no bairro de Rocha Sobrinho em Mesquita, município recém emancipado de Nova Iguaçu. Esse bairro é formado por conjuntos habitacionais e casas, com saneamento básico estruturado, sendo que do outro lado dos conjuntos, as casas são mais simples e algumas até de tábuas, com saneamento básico mínimo e muito mais precário.

Os alunos são oriundos, em grande parte do próprio bairro e dos bairros vizinhos. A escola pública segue mais ou menos as “regras” da Secretaria de Educação (SEMED) do município de Mesquita, onde a proposta educacional deveria ser a sócio-construtivista, os projetos deveriam ser preparados dialogicamente no início do ano e serem desenvolvidos durante o seu decorrer, porém o que se mostra é uma autonomia individual, onde cada professor trabalha da maneira que acha melhor, muitas vezes contrariando os norteamentos pedagógicos advindos da SEMED.

Esta autonomia individual não se encontra na escola particular, onde a direção se mostra muito mais preocupada em manter a unidade, ou seja, todos trabalhando da mesma maneira. A escola particular segue uma proposta tradicional e se orgulha disso (às vezes, criticando as outras propostas), mas desenvolve esporadicamente alguns projetos utilizando temas que estão em ascensão. As duas escolas funcionam com turmas da Educação Infantil ao 9º ano, porém o número de salas, alunos, professores e funcionários da escola pública é bem maior que a da particular.

A validação do conhecimento gerado pela pesquisa, a aprovação de sua confiabilidade e relevância pela comunidade acadêmica, exige que o pesquisador se mostre familiarizado com o estado atual do conhecimento sobre a temática focalizada, de modo que ele possa de alguma forma, inserir sua pesquisa no processo de produção coletiva (ALVES-MAZOTTI, 2006, p.05).

Por esse motivo, o estudo de caso que realizamos, utilizaremos como base teórica, buscando compreender o processo de relação das famílias com a escola, os pensamentos críticos de Sonia Kramer onde: “O conhecimento, o relacionamento franco e a participação das famílias das crianças na vida da escola são componentes fundamentais de nossa proposta pedagógica, principalmente por termos compromisso firmado com uma educação democrática. (KRAMER, 200, p 100)”.

Assim, nossa intenção é reconhecer essa relação como legítima, diferenciando-a daquela tratada cotidianamente, no senso comum, para enfim, praticá-la, considerando a tríade, famílias e seu meio social, crianças e escola, como caminho para compreendermos a vivência infantil, suas vicissitudes, necessidades e possibilidades, buscando desta forma,

colaborar para o seu desenvolvimento integral, bem como, de todos envolvidos nesse fazer-ser pedagógico e humano.

Utilizaremos uma abordagem quanti-qualitativa de pesquisa em educação, onde os “objetos, as coisas, os fenômenos se distinguem entre si pela sua qualidade, isto é pelo conjunto de propriedades que os caracterizam (TRIVIÑOS, 1987, p. 65)” e além de qualidade, o objeto tem quantidade, “conhecemos a quantidade de um objeto significa avançar no conhecimento do objeto (TRIVIÑOS, 1987, p.66)”. Para entender a relação família e escola entre as duas unidades e só através desse conhecimento, poderemos nos aprofundar no assunto e tentar modificar o que for preciso, se realmente for preciso. “A mudança qualitativa é uma lei geral do desenvolvimento do mundo material, mas as mudanças qualitativas produzem mudanças quantitativas (TRIVIÑOS, 1987, p. 68)”.

Delimitamos e desenvolvemos esta pesquisa segundo as seguintes etapas e os seguintes procedimentos metodológicos:

1) Inicialmente, um processo de revisão bibliográfica a respeito de trabalhos produzidos na área, que abordassem mais diretamente a temática *família-escola*. Assim, durante os meses de fevereiro e março de 2009 foi feito um levantamento nos sites da ANPED, SCIELO e INEP. Procuramos identificar autores que escreveram sobre o assunto e assim, nos possibilitam um início de abordagem sobre essa questão e a definição de que lugar pretendemos tomar.

Ao pesquisarmos as possíveis publicações desta temática no site da ANPED¹ - Associação Nacional de pós - graduação e pesquisa em educação, encontramos os seguintes trabalhos: Família e escola na contemporaneidade – NOGUEIRA (2006); Família na escola – NOGUEIRA; ROMANELLI (2000); Escola como extensão da família ou família como extensão da escola, CARVALHO (2000). No site de busca do SCIELO², encontramos as pesquisas: A família e a escola como contexto do desenvolvimento humano – DESSEN (2007); Numa perspectiva, de análise das relações entre famílias populares e escola, THIN (2006); Relações entre família e escola e suas implicações de gênero CARVALHO (2004); e no INEP³ - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, encontramos a pesquisa: Educação e Família: Uma união fundamental? PEQUENO, Andréia Cristina Alves (2001).

¹ www.anped.org.br. Site oficial da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

² www.scielo.br .Trata-se da Scientific Electronic Library Online – SciELO, que é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos, neste caso, brasileiros.

³ <http://www.inep.gov.br>.

Estes autores nos ajudaram nas reflexões desse estudo e confirmam a importância do mesmo. É na leitura destes teóricos, que acreditamos que podemos realizar uma pesquisa que nos ajude no aprofundamento do tema, trazendo benefícios para o aluno, para as famílias e para a escola de forma ampliada. Além dessa revisão de literatura mais pontual, encontramos outros autores, que apoiaram e embasaram a nossa discussão teórica-metodológica sobre o tema: Bernad Charlot (2005); Bernad Lahire (2004); Içami Tiba (1998); Luciano Faria Filho (2000); Maria Augusta Rossine Sanches (2001); e Victor Valla (1996), que nos ajudaram na escrita desta pesquisa.

2) Levantamento de dados, através de entrevistas (segue em anexo modelo das mesmas) para “obter informações de interesse a uma investigação, onde o pesquisador formula perguntas orientadas com objetivos definidos, frente a frente com o respondente e dentro de uma interação social (UEMS - site)” semi-estruturadas e focalizada “uma conversa sobre um tema específico. Exige a habilidade e sensibilidade por parte do entrevistador de não permitir que o tema da conversa desvie do tema original (UEMS- site)”. Utilizaremos amostragem dessas entrevistas escrita, com três famílias de cada série/etapa (da educação infantil, 1º etapa e 2º etapa da escola pública e 3º, 4º e 5º ano da escola particular) totalizando 18 pessoas de famílias diferentes, para assim, conhecermos o que as famílias pensam sobre as escolas, com 3 crianças de cada série, porém das respectivas famílias já entrevistadas, para uma maior observação do aspecto sócio-cultural e de vivência dessas famílias.

Utilizaremos uma amostragem de questionário, que “visa recolher informações baseando-se na inquirição de um grupo... Série de questões que abrangem um tema de interesse não havendo interação direta com o respondente (AMARO et all, 2004 p. 03)”, sendo ele, aberto “que permite ao respondente construir a resposta com suas próprias palavras, permitindo deste modo à liberdade de expressão (AMARO et all 2004, p. 03)” e com três professores de cada escola, analisando suas considerações em relação ao tema.

Consideramos necessária uma roda de desenho, leitura e escrita com as crianças das turmas já relacionadas anteriormente, para que, conversando com elas, pudéssemos apreender o que elas pensam da escola em que estudam. Assim, podemos estabelecer contrapontos entre a escola e a família de duas realidades diferentes, identificando como procedem tais relações e as influências destas no desenvolvimento integral da criança, do trabalho da escola e das próprias famílias.

3) Observações e diário de campo, que acompanharam todo o percurso do trabalho, tanto nesse período de levantamento de dados, quanto de nossas observações da prática docente e de orientação pedagógica nos espaços que ocupamos.

4) Analisamos os dados que se apresentaram nas entrevistas com as famílias, crianças e professores, percebendo as aproximações de concepções em relação ao assunto tratado e comparando as respostas. A partir daí, buscamos perceber como as famílias se relacionam entre si, como 'enxergam' a escola, como a escola 'vê' essas famílias, e como ambas consideram essa relação.

Para isso construímos quadros comparativos entre o público e o privado, organizados a partir das respostas semelhantes e oposições, comparando com as duas realidades das escolas pesquisadas, além da leitura dos dados colhidos nas rodas de desenho, leitura e escrita entrevistas realizadas com as crianças. Embasamos essa pesquisa com as literaturas selecionadas e referenciadas de acordo com a emergência dos temas destacados nesse caminho.

1.7 - A organização deste Estudo

Com essa perspectiva apresentada até aqui, o primeiro capítulo descreve a necessidade de fazer uma revisão da literatura e dos trabalhos que encontramos com esta temática e a de desenvolver uma pesquisa que argumente sobre a importância da relação família-escola e como isso interfere positivamente no desenvolvimento integral do aluno. Portanto é pertinente trazer um pouco da história da instituição família e instituição escola, e como no decorrer histórico foi se constituindo, e hoje diante de uma sociedade capitalista e socialmente desigual em bens e acessos, onde encontramos famílias e também instituições escolares bastante carentes financeiramente e de informações. Analisamos como a escola está sobrevivendo a essa real situação, e quais os anseios, as possibilidades e as tentativas que estão presentes, num contexto mais ampliado.

Também nesse capítulo introdutório, se encontram os contextos mais específicos das escolas/famílias participantes da pesquisa, os objetivos, a justificativa e os pressupostos teóricos-metodológicos para o desenvolvimento desse estudo.

No segundo capítulo, dentro dessa mesma concepção, procuramos observar e analisar as leis que apresentam essa questão da interação família-escola, e percebemos que na LDB, na Constituição Federal e Estadual, no ECA e na Lei Orgânica do município de Mesquita, trazem artigos fazendo referência ao assunto, e que também servem de elementos norteadores para o

trabalho. Além desse enfoque fazemos uma observação sobre os cursos de Formação de Professores, apresentando a necessidade de levar essa temática para a discussão nesse âmbito da formação.

No terceiro capítulo é abordado o perfil familiar dos alunos pesquisados, pois acreditamos na relevância de conhecer a cultura, a vivência, a necessidade e a história de nossos estudantes, pois só através desse conhecimento podemos ter parâmetros para planejar de forma mais ampliada o trabalho, seja pensando em atividade para o aluno, seja com a família. Portanto esse capítulo tem o objetivo de apresentar a importância de que para planejar algo precisamos conhecer primeiro o objeto ou sujeito, no nosso caso, os sujeitos, que são as famílias e seus estudantes.

O quarto e último capítulo focaliza a pesquisa de campo e a real necessidade da relação família-escola. Como isso está procedendo de fato nas escolas estudadas, e como pode cada vez mais se aprimorar essa relação, com o único objetivo: assegurar o desenvolvimento integral do aluno, através dos relatos e considerações levantados durante a pesquisa.

Enfim, sabendo da necessidade e da importância da boa relação família-escola, coube-nos também, trazer algumas considerações, a partir dessas experiências, para propor o desenvolvimento de forma satisfatória, dessa integração. O desafio está lançado, acreditando nessa possibilidade, o desejo é que tenhamos com mais intensidade as presenças indispensáveis, amigáveis, parceiras, mas não menos conflituosas, as famílias envolvidas na proposta pedagógica da escola, o que fica registrado nas considerações finais.

2 – O QUE AS LEIS DIZEM SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS E O PREPARO DO PROFESSOR PARA SE RELACIONAR COM ELAS

Esse capítulo é composto por duas sessões, a primeira pretende analisar as leis que trazem referências sobre as famílias e a ligação com a educação escolar, buscando em todas as instâncias Federal, Estadual, Municipal, a LDB e o ECA, as particularidades que trata a questão, para poder compreender melhor o processo de responsabilização das famílias e como, a partir disso, a escola pode intervir.

E a segunda vem analisar a formação de professores no que concerne aos aspectos relacionais família-escola, e para isso é necessário fazer uma reflexão da história do magistério e a sua formação, para compreender a realidade hoje dos professores, as angústias, perspectivas, tristezas, ansiedade e esperança. Vem também discutir que é no curso de formação de professores que deve trazer os assuntos mais críticos que na prática se torna difícil de conseguir soluções. Portanto, quando vivenciam estudos de casos, projetos, pesquisas etc, a prática se torna mais experiente e com maiores possibilidades.

2.1- As leis em consonância com a educação

É pertinente que se busque nas leis a colocação feita sobre a família, para podermos analisar o que verdadeiramente compete à família e o que compete à escola. Começando a análise pela Constituição da República Federal de 1988, destacam-se os seguintes artigos:

Art. 45 – É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao idoso, com absoluta prioridade, direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à dignidade, ao respeito...

Art. 46 – É reconhecida como entidade familiar a união estável entre homem e mulher e a comunidade formada por pai, mãe ou qualquer dos ascendentes ou descendentes.

Art. 47 – Os filhos havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos ou qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação, garantindo o Estado o acesso gratuito aos meios ou recursos necessários à determinação da paternidade ou da maternidade.

No que tange à educação, a Constituição Federal não deixa de citar, porém, de um modo muito sucinto e abrangente, já que no mesmo artigo coloca como dever da família...A criança, ao adolescente e ao idoso...Direito à vida, saúde, alimentação, educação...Não fala especificamente voltada à criança numa situação escolar, mas sim no geral, num todo. Do mesmo jeito que fala que é dever da família, considera família aquela formada nos moldes

tradicionais, “Tal concepção é fruto da influência sócio-religiosa, que concebia o casamento com nítido interesse procriativo e a continuidade da família, em que todos os partícipes tinham seus papéis bem definidos (GOBBO, 2000, p. 01)” quando sabemos que nos dias de hoje, não há somente famílias ditas tradicionais e para a escola, família deve ser o grupo de pessoas que moram, que sustentam e apóiam o aluno, sem necessariamente ser um pai e uma mãe, pois, “família é um fato natural, o casamento é uma convenção social. Não mais se distingue a família pela existência do matrimônio (GOBBO, 2000, p. 02)”.

Na Lei Orgânica do município de Mesquita, encontramos o seguinte no Cap V. Da ordem econômica e social - Subseção I. Da educação:

Art. 109 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visa ao pleno desenvolvimento da pessoa e à formação do cidadão, o aprimoramento da democracia e dos direitos humanos; a eliminação de todas as formas de racismo e de discriminação; o respeito dos valores e do trabalho à afirmação do pluralismo cultural; a convivência solidária a serviço de uma sociedade justa, fraterna, livre e soberana.

A Lei orgânica do município de Mesquita tem um artigo voltado especificamente à criança e a importância dela na escola e para isso, afirma que é dever do Estado (garantir as vagas) e da família (matricular a criança) visando o desenvolvimento pleno da pessoa. Esta lei mostra grande preocupação com o cidadão que estamos formando, de como eles vão viver na sociedade que já está formada e de que maneira este cidadão pode estar modificando o seu meio. Uma parceria que dá certo e que deveria ser “copiada” pela escola e ser usada com os pais, além disso, seu objetivo também deveria ser o de todos, o pleno desenvolvimento da pessoa.

A lei maior, a Constituição Federal, destaca-se os seguintes artigos: “Art. 226- A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”.

Essa proteção do Estado apresenta algumas deficiências. Até que ponto o Estado está protegendo as famílias? Por que temos tantas famílias necessitando dessa proteção, seja por tantos motivos, e não consegue encontrar essa proteção?

Parágrafo 7º - Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas.

Art. 227- É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Juntamente a este artigo, podemos citar a LDB de 1996.

Art. 2 – A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade, e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o livre desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da sua cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Os dois artigos retratam a validade da família e do Estado para assegurar os direitos da criança, não só a educação, mas também as outras necessidades, na sua integralidade. O artigo da LDB por ser uma lei específica da educação está mais voltado para esta finalidade, está bem apresentada sendo dever da família fazer valer este direito da criança, mas caso haja algum obstáculo para conseguir colocar em prática, o Estado deve assumir esse dever, e finalmente cumprir o previsto em lei.

Voltando à Constituição Federal, “Art. 229- Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores e os filhos maiores, têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”. Ele descreve de forma bem clara e objetiva o real papel dos pais com os filhos, não especificando em relação a educação escolar, mas generalizando o seu dever.

Como descreve o artigo da LDB: “Art. 6- É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos seis anos de idade, no ensino fundamental”.

E o Eca (Estatuto da Criança e Adolescente de 1990) nos define que: “Art 55 – Os pais ou responsáveis tem obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino”.

A família deve buscar assegurar esse direito; caso não consiga vaga, o Estado deve intervir e solucionar o caso.

O Art. 12 – VI-Reza ser dever da escola articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; e o Art. VII-Diz que é dever da escola informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.

Já no Parágrafo Único do ECA - Reza ser direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Esses artigos são de grande importância nessa pesquisa, pois, versam sobre o assunto analisado e define a necessidade dessa articulação. A escola deve promover meios que levem a família com entusiasmo à escola, contribuindo no que for preciso, entendendo com o tempo a importância do acompanhamento, da frequência, do rendimento e, sobretudo conhecendo proposta pedagógica da escola onde seu filho estuda.

Segundo Leite Filho (2001, p.30). “é incontestável que, na última década do século XX, a sociedade brasileira avançou no que diz respeito a assegurar, pelo menos no papel, os

direitos das crianças.”.. As leis se propõem a ajudar e mostram interesse em proporcionar o melhor para a criança. Podem estar sendo respeitadas, apesar de muitas falhas; mas muitas vezes, estas falhas não são divulgadas e as famílias não ficam sabendo dos seus direitos, o que as impede de lutar para exigir seu cumprimento.

A escola pode aproveitar dessa situação e ver nela uma possibilidade de aproximação com as famílias, pois, além de deixá-las ciente das leis e dos seus direitos, aproveita para cumprir a parte que lhe cabe, referente às propostas de ensino com a colaboração das famílias. “É a coletividade que deve sentir-se responsável pela educação de seus membros, seja através de um diálogo constante com a instituição escolar, tomando a seu cargo uma parte desta educação (DOLORS, 1997, p. 112)”.

A família que sabe da importância de sua participação na escola, ajuda, influencia e contribui. Divulgar as leis é criar uma oportunidade para a escola de trazer as famílias à participação. “Apesar de o ordenamento legal ter avançado no Brasil, educadores e governantes precisam, diligentemente, lutar para assegurar as conquistas já alcançadas no papel, mas que não se concretizaram na realidade (LEITE FILHO, 2001, p. 52)”.

2.2 – E a formação do Professor?

Para compreender como se dá a prática do professor hoje, como está sua formação e quais as prioridades que estão dando nessa formação, é necessário que analisemos um pouco da história do magistério brasileiro. Voltando aos tempos coloniais, observa-se que:

A educação popular pouco tinha representado até então como meio de transformação social, o que acabava repercutindo no âmbito a sociedade brasileira como um todo. O baixo nível intelectual da colônia que não tem paralelo na América interfere na economia do país e fortalece a política de manutenção da dependência. A educação popular evoluía lentamente. A escola primária não existia, as elites a recebiam privadamente em suas casas (MARTINS, 1995, p.20)

Antes da Independência do Brasil, a educação escolar era quase inexistente, porque só quem tinha direito ao conhecimento era a burguesia e as escolas eram privadas. A trajetória da educação pública deu-se com muitas barreiras, desvalorização e sem grandes interesses de melhorias por parte do Poder Político vigente. “O Estado regularmente não se responsabiliza pela educação popular, uma vez que a implantação e manutenção de escolas ficavam a cargo das Províncias, as quais, quase sempre não dispunham de orçamento que pudesse suportar as despesas com educação satisfatoriamente (MARTINS, ano 1995, p. 22)”. A formação dos

professores começou a ser procurada somente nas décadas de 1920 e 1930, devido ao avanço da industrialização.

Com a vigência da LDB 4024/61 a Formação do Professor de Ensino Primário dava-se formado em dois níveis: ginásial, que faziam disciplinas comuns do secundário e as pedagógicas e o Normal colegial, com três séries anuais em prosseguimento ao grau ginásial. Mesmo assim, com uma lei que descreve a formação do professores, ainda permanece a distância do conhecimento e da educação escolar para as classes desfavorecidas da sociedade e também a pouca preocupação com essa formação, tendo em vista que em 1950 cerca de 50% da população era analfabeta.

Não se cuidava para que houvesse uma adequada formação dos professores deixando-os entregue ao acaso da improvisação e da virtuosidade. Cabe ressaltar que ao criticarmos a ausência de formação adequada dos professores, não estamos nos referindo à qualificação técnica exclusivamente, isto é, que por força de uma mentalidade mais técnica o ensino fosse de melhor qualidade, mas referimo-nos justamente à ausência de unidade e certamente de coerência; enfim, o enfraquecimento da atividade docente sem força para reivindicar melhores condições de trabalhos e a falta de repercussão dos próprios grupos sociais (MARTINS, 1995, p. 25).

Isso demonstra que, desde o início, a formação dos professores não era prioridade. “Os maus desempenhos dos cursos que preparam os professores demonstram a falta de prioridade para a educação no país, é nessa área que mais aparecem cursos à distância ou de duração mais curta”. (TAKAHASHI, 2008). Que formação, que conhecimento político pedagógico interessaria? O que era necessário e importante para o professor estudar? O curso de Formação de Professores deveria ter a missão de formar professores preparados, motivados, conscientes e politizados para enfrentar as questões sociais que estão presentes nas salas de aula das escolas. E hoje, não é diferente.

“Em geral, boa parte dos professores acabam ganhos pelo discurso cristalizado na escola de que as crianças não aprendem porque as famílias são “desestruturadas” ou devido à “progressão continuada”. (TAKAHASHI, 2008). São os próprios professores dos cursos de formação de professores que incentivam estas idéias, quando deveriam fazer o contrário, pois o professor que está se formando deveria ser esclarecido de como ocorre e a importância de se relacionar bem com as famílias e não chegar na escola, sem conhecer e criticar, piorando a situação, quando deveria chegar para melhorar.

Primeiro sobreviver, depois ensinar: esta é a ordem de prioridades para os professores. Sua famosa resistência à mudança é, talvez antes de tudo, a

expressão do sentimento de precariedade, e mesmo de ameaça, que eles experimentam, quando se vive equilibrando-se sobre um abismo, toda mudança é antes de tudo, desestabilização e desorganização de estratégias de sobrevivências elaboradas a duras penas (CHARLOT, 2005, p. 98).

Os professores precisam se alinhar e se adequar aos novos modelos escolares, visto que hoje a escola já não se espera que ele só transmita conteúdos. Enquanto o professor não questionar sua prática, a educação se mantém parada e quem sofre são as crianças. Os cursos de Formação de professores precisam dar um suporte maior aos novos profissionais em relação a esse novo modelo de ensino, pois os cursos ainda têm como prioridade o ensinar mecanizado, calcados nos conteúdos. “A função social do professor é suficientemente clara e coerente para que sua formação profissional possa ser definida e realizada com toda coerência (CHARLOT, 2005, p. 95)” Não há um modelo próprio “há uma prática do saber e o ensino deve formar para essa prática” (CHARLOT, 2005, p.91).

O ensino é diferente da formação e para conciliar os dois, o docente precisa ter vontade própria, incorporar os princípios do ensino e estar aberto a novos paradigmas. Concluimos assim que a formação de professores no Brasil precisa ser mais bem preparada e aplicada, visando o melhor desempenho dos professores em sala de aula. O professor que não pensa assim, geralmente é aquele que não consegue se adaptar as situações diárias escolares, está sempre reclamando, não consegue resolver questões simples e busca culpados para se redimir da sua própria culpa “só se pode ensinar a alguém que aceita aprender, ou seja, que aceita investir-se intelectualmente (CHARLOT, 2005, p.76)”.

3 - A RELAÇÃO FAMÍLIA – FAMÍLIA

3.1 – Cultura – Da teoria à prática

Cultura, ato ou efeito de cultivar. Antigamente, o termo era usado para se referir ao cultivo de terra, plantações e de animais, com o tempo o termo passou a ser usado para a mente humana (mente humana cultivada) daí, o caráter classista de cultura, idéias de que “somente as classes mais privilegiadas atingiriam o nível de refinamento que as caracterizaria como cultas (MEC, 2008, p. 26)” somente no século XX é que a noção de cultura passa pela idéia de cultura popular.

Cultura corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos e períodos históricos. Trata-se de uma visão antropológica de cultura, em que se enfatizam os significados que os grupos compartilham, ou seja, os conteúdos culturais. Cultura identifica-se, assim, com a forma geral de vida de um dado grupo social, com as representações da realidade e as visões de mundo adotadas por esse grupo (MEC, 2008, p. 27).

Se cultura é o ato de cultivar, cada indivíduo cultiva o que se faz necessário e o que é comum em seu grupo social. Assim, a escola, tem uma gama de culturas, pois tem vários pensamentos e vivências diferentes juntos e o professor deve diferenciá-las, sem excluir nenhum. Deve saber usá-las como ponto positivo em suas discussões. Deve intermediá-los com outros saberes “levando-se em conta à importância de ampliar os horizontes culturais dos estudantes, bem como promover interações entre diferentes culturas, mas associadas aos grupos dominantes (MEC, 2008, p. 41)” ajudando seu aluno em suas produções, porque, “o professor daltônico – cultural é aquele que não valoriza o arco-íris de culturas que encontra em sala de aula, que vê os estudantes como idênticos (MEC, 2008, p. 31)”.

É do entendimento do seu meio, que a criança produz o seu conhecimento e o leva para a escola. É a participação em sua sociedade que vai fazer com que ela entenda como vive o seu grupo e como ele interage com a escola. “Conhecimento escolar é um tipo de conhecimento produzido pelo sistema escolar e pelo contexto social e econômico, que se dá em meio a relações de poder estabelecido no aparelho escolar e entre esse aparelho e a sociedade (MEC, 2008, p. 22)”. Por que nada a ser ensinado para a criança, deve fugir do seu contexto, da sua realidade. O professor deve levar em consideração o pensamento de toda a comunidade, para então desenvolver um ótimo trabalho com a criança, porque a escola não tem que transmitir saberes e sim intermediar os próprios conhecimentos com os dos alunos. “Conhecimentos totalmente descontextualizado perdem suas conexões com o mundo social em que são construídos e funcionam, desfavorecendo assim, um ensino mais reflexivo e uma aprendizagem mais significativa. (MEC, 2008, p. 24)”.

O que tem vemos hoje é um ensino público muito distante do ideal, de baixa qualidade, não privilegiando o pensamento e a vivência da criança. Um ensino que, cada vez mais desvaloriza a subjetividade, dando espaço a pensamentos mecânicos e totalmente voltados aos interesses das elites no poder. Sabendo disso, o professor deve ter ciência da importância do seu trabalho e da sua responsabilidade política, pois é o seu trabalho, que vai fazer com que a criança se desenvolva, cresça e possa ser atuante em sua sociedade.

3.2 – A relação da comunidade escolar com cultura, a mídia e o consumo.

Adultos cada vez mais distantes do mundo da infância; crianças que se unem para salvar o mundo como demonstração de poder e sabedoria; crianças defendendo-se sozinhas e certas de que não podem contar com o apoio dos adultos porque eles já não atestam mais competências e experiências válidas para a demanda do mundo infantil. (SALGADO, 2003, p. 86).

Para falar de família e falar de crianças, precisamos antes de tudo conhecer que famílias são essas e como vivem essas crianças, suas crenças, valores, relacionamentos, modos de agir em determinadas situações, hábitos e costumes, enfim, saber das coisas que podem influenciar direta e indiretamente no processo de aprendizagem e no convívio com os outros. Portanto, é importante descrevermos um pouco essa realidade e algumas formas de conduzir a vida dos nossos alunos e suas respectivas famílias.

No bairro Rocha Sobrinho, existe como lazer para a população: praças, clubes particulares, lanchonetes, *lan houses* e uma lona cultural inaugurada recentemente. Os alunos que moram no bairro utilizam todas ou quase todas as formas de lazer relacionadas que contém no bairro, porque o poder aquisitivo dessas famílias é um pouco melhor. Já os que moram “do outro lado”, como eles mesmo dizem, não têm essa mesma oportunidade.

Na escola pública municipal, temos alunos com vários níveis sócio-econômicos, desde famílias muito carentes financeiramente, que moram do outro lado, até famílias bem estruturadas financeiramente, dono de pequenos comércios, professores...

Todo indivíduo e toda família carrega sua identidade cultural independente de ter formação acadêmica ou grau de instrução, pois, “ter cultura independe de ter erudição, trata-se de uma condição inerente a todo ser vivo que, com suas experiências, produz significado individual e coletivamente no conjunto de atores sociais do seu tempo (KETZER, 2003, p.12)”. Mas hoje percebemos que além dessas questões, temos outros fatores que interferem nessa produção cultural, que é o consumismo desenfreado, tendo a mídia como intermediária.

Como cita Ketzer (2003, p.19) “É principalmente por meio dos programas e da publicidade nela veiculados que os pequenos vêem-se compelidos a adquirir o produto que está na moda, variando do brinquedo ao cd e a outras emboscadas”.

O mundo inteiro se “rende” à globalização num discurso de unificação de potências e culturas. Identidades são questionadas, ao passo que nos deparamos com idéias e valores trazidos pela mídia em confronto com aqueles que conhecemos e acreditamos. A mídia nos dá “acesso” a outras culturas e em consequência, nos modificamos e nossas identidades supostamente “fixas” entram em crise.

Torna-se inegável a força da mídia na construção desse novo mundo no qual vivemos. Entretanto, a educação, diante deste grande gigante chamado globalização, tenta lutar contra o discurso falso da hegemonia mas que, muitas vezes, ela própria não tem conseguido acompanhar toda essa imensa e perversa evolução e acaba ajudando a construir e a perpetuar identidades culturais e sociais, impregnadas com forças do poder e de regimes de verdade.

A cultura que nossos alunos recebem, muitas vezes é influenciada pela televisão. Esta mídia talvez seja a mais comum e a mais acessível, porém, quando vista de maneira errônea, deturpa todo um conhecimento que, ao invés de instruir e ajudar vai prejudicar e isso assusta, se pensarmos que não vai ser prejudicial apenas a uma pessoa e sim a várias. Há uma grande tendência na sociedade que é a de copiar o que está na moda. Com os nossos alunos não é diferente e a mídia é a responsável, pois, de alguma maneira, influencia e induz a sociedade a pensar da maneira que ela divulga. “Ao mesmo tempo em que olhamos desconfiados para aquilo que se apresenta como cópia, nos deixamos seduzir pelo desejo de copiar (PEREIRA, 2003, p.55)”. Esta cópia pode até ser útil desde que seja coerente com os valores dominantes na sociedade e esse é o trabalho da escola: usar essa mídia tão encantadora para beneficiar o aluno na sua formação de cidadão crítico e atuante em sua sociedade. Este aluno tem que estar preparado para contribuir para o bem e modificar o que encontrar e errado. “A mídia, ao mesmo tempo em que proporcionou a possibilidade de novos encontros, trouxe uma homogeneização de valores, de padrões, de costumes, bem como de subjetividade (MIRANDA, 2000, p.30)”.

A escola tem um papel fundamental nesse processo, o de formar sujeitos críticos. Primeiro procurando conhecer como vivem, como pensam, como agem essas comunidades a qual a escola está inserida, depois desenvolver trabalhos pertinentes ao assunto, como bem expressa Ketzer (2003, p.24) “o professor pode passar de refém dos meios e dos produtos da indústria cultural a forte defensor da comunicação da sala de aula, que valoriza a voz dos alunos como sujeitos e não como objetos do processo”.

3.3 – A escola como aliada no processo de reconhecimento cultural.

Em todo lugar, em qualquer momento, com qualquer pessoa, estamos sempre aprendendo. Um encontro nunca é em vão, sempre se consegue tirar um bom proveito e torná-los úteis a si mesmo, e isso, deve-se ao diálogo, a comunicação, que traz conhecimento e significado para cada indivíduo e estes, juntos, constroem a sociedade e como disseram Vygotsky e Bakhtin “O homem é o sujeito social da e na história (FREITAS, 2007, p. 135)” ou seja, é ele quem construiu, quem constrói e sempre, através do diálogo e da participação de outros indivíduos, quem construirá a sua sociedade, a sua história.

“Consciência e pensamento são tecidos com palavras e idéias que se formam na interação, tendo o outro um papel significativo (FREITAS, 2007, p. 136)”. E não há melhor lugar para identificar esta colocação do que a escola. É na escola, que desde pequenos os indivíduos interagem, se comunicam e constroem uma pequena parte de suas vidas, que servirá de base para sempre.

Buscamos apresentar aqui, o nosso pensamento enquanto educadoras responsáveis por manter essa dialogia e fazer com que essa idéia prossiga e que se hoje, as crianças dependem de nós, adultos, no futuro, elas possam interagir, criar, construir sozinhas seu espaço na sociedade. Isso não significa que enquanto criança ela não constrói. Ela é um sujeito, um indivíduo capaz de construção, mas que por enquanto, depende do auxílio do educador e para darmos esse auxílio, em primeiro lugar, se faz necessário que respeitemos e façamos respeitar as identidades culturais de cada um, o que vai favorecer e fortalecer o grupo, contribuindo para novos ideais. “A linguagem é essencialmente veículo da comunicação humana. Sua realização se faz pela necessidade dos seres humanos de se comunicarem uns com os outros, caracterizando-se assim como um fenômeno social (LESSA, p.470)”.

A criança já é percebida como sujeito, assim, tem seus pensamentos e suas vivências carregadas de sua sociedade e do meio ambiente em que vive. Cada uma tem seu pensamento e é no ambiente escolar que vai acontecer esta troca, ora de pensamentos iguais, ora diferentes: cabe o bom senso, para que haja o diálogo com o sentido de construção e aprendizagem. “O enunciado se produz num contexto que é sempre social, entre duas pessoas socialmente organizadas, não sendo necessária a presença atual do interlocutor, mas pressupondo a sua existência (FREITAS, 2007, p.135)”. O professor é o mediador, está ali para ajudar e não interferir no processo de aprendizagem. Deve se manter por perto e auxiliar,

essa é a sua função, o seu papel, deixar que os alunos construam através do diálogo, da comunicação, uns com os outros. “A experiência discursiva individual de cada pessoa se forma e se desenvolve em uma constante interação com os enunciados individuais alheios (FREITAS, 2007, p.137)”. O professor não pode e não deve influenciar as crianças com seus pensamentos e idéias já prontas; deve contribuir para que suas idéias interajam com as dos alunos e dessa comunicação, surjam novas idéias, construções que marcam, que permanecem, que os alunos saiam da sala e propaguem em casa construções históricas e sociais para sempre.

É muito difícil se manter distante e deixar que os alunos construam, mas sabemos que é imprescindível. Difícil não colocar a todo o momento os nossos pensamentos e interferir nas conversas, mas se sabemos que temos que ter o respeito e se queremos que pratiquem este respeito, é assim que devemos agir, até porque, “A construção do Eu depende essencialmente do outro, seja para ser referência, ou ser negado” (WALLON, 2004, p. 41) nesse sentido, tolir a criança, é negar que ela cresça como indivíduo atuante e com seus próprios pensamentos.

Todos esses textos nos fazem pensar e refletir muito em nossa prática, e a medida em que aprimoramos as leituras, levamos em conta a importância da participação e da contribuição das crianças e suas culturas. Tudo o que a criança traz pra sala, deve ser analisado e transmitido para todos, pois sempre temos algo para aprender, e não tolerar esse aprendizado é fechar a cara para o mundo.

Essas reflexões nos ajudam a melhorar a nossa prática enquanto educadoras, mediadoras, porque há muito tempo o professor deixou de ser o detentor do saber. “Só como membro de um grupo social, de uma classe, é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e a uma produtividade cultural (FREITAS, 2007, p. 126)”, ou seja, o aluno enquanto sujeito, precisa atuar, e é isso que precisamos fazer. Cabe à educação a tarefa de tentar agir no sentido de superar ou transcender positivamente o processo de alienação a que o homem é submetido cotidianamente no campo de suas relações sociais, afetivas, culturais e econômicas.

“Verdades” nos são impostas. Mas precisamos aprender a olhar aquilo que se esconde no contexto da aparência enganosa da realidade. Precisamos usar a educação como ferramenta para nos deslocarmos do papel de simples identidades culturais e sociais criadas e recriadas, com o fim de manipulação, subordinação e controle. Forças do poder e regimes de verdade que impregnam discursos e perpetuam a ordem dominante. É contra isso que precisamos lutar.

4 – A RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA, UM OLHAR SOBRE O CAMPO

4.1 – Um pouco do João Paulo

A escola privada pesquisada chama-se Centro Educacional João Paulo, situa-se á rua Robert Kennedy, 222, no bairro Rocha Sobrinho, em Mesquita. A escola funciona das 07:30 às 17:00h, em dois turnos. Está situada em área residencial com moradores de classe média baixa, com algum comércio, praças e conjuntos habitacionais.

O calendário escolar anual é composto por datas cívicas e projeto considerado importantes pela instituição como, por exemplo: “Educar para a vida é conscientizar” (O qual aborda os quatro (4) elementos da natureza e a cada bimestre, um deles é trabalhado). A construção do Projeto Político Pedagógico da Unidade Escolar ocorreu para melhorar a metodologia de ensino e também para tornar mais eficaz o atendimento e o relacionamento dos alunos, segundo a coordenadora. Destacamos a participação dos alunos, através de reuniões com a Coordenadora e a Direção na reformulação do PPP.

Também são organizadas reuniões periódicas com os professores de acordo com as necessidades vistas pela coordenação para resolver problemas relativos ao andamento da escola. Nestas reuniões são organizados passeios culturais, gincanas, feiras integradas, festivais de poesias, entre outros. Todas as atividades são realizadas sempre com o objetivo a ser cumprido e sempre pensando em facilitar a aprendizagem dos educandos.

A avaliação da aprendizagem é feita através de provas, testes, atividades e observação diária, e sua mensuração é feita através de notas registradas em boletim. Nestas avaliações são feitas análises do trabalho desenvolvido percebendo-se assim se os objetivos foram alcançados, para que desta forma se possa pensar na metodologia utilizada e se for necessário, trilhar outros caminhos para alcançar êxito no ensino.

A escola é bastante organizada, limpa e bem estruturada fisicamente, tendo salas de aula bem iluminadas com janelas grandes de vidros, sendo ao total doze salas de aulas, secretaria, sala dos professores, almoxarifado, biblioteca, sala de vídeo, sala da coordenação, sala da Direção, cozinha, cantina, um laboratório de informática, uma sala de setor de pessoal. Todas as salas possuem murais e ventiladores. As dependências sanitárias são suficientes, possuindo chuveiros, lavatórios e nas áreas possuem bebedouros. A escola possui uma quadra coberta cimentada e sua frente é arborizada.

No momento a escola tem quatrocentos e noventa e oito (498) alunos matriculados, divididos em vinte e oito turmas da Educação Infantil até o nono ano, e quarenta professores, em sua maioria com nível superior, e doze funcionários.

4.2 – Agora um pouco do Castelo Branco

A Escola Municipal Presidente Castelo Branco situa-se à Rua Presidente Kennedy s/nº, em Rocha Sobrinho, Mesquita. A escola funciona nos três turnos, atendendo da Educação Infantil ao EJA. Tem um total de 15 salas de aula, além da sala de leitura, de vídeo, de informática (que ainda não está funcionando) e de oficina de aprendizagem. Atende um quantitativo de mil cento e oitenta (1.180) alunos. A Proposta Político Pedagógica baseia-se na abordagem sócio – construtivista, indicada pela Secretaria de Educação do município de Mesquita, que se encontra desenvolvendo o seu plano municipal de educação.

A escola ainda não possui o seu Planejamento Político Pedagógico (PPP) havendo alguns projetos em comum, porém, cada professor trabalha seu plano de ação individualmente. No Início do ano, foi enviado da SEMED para as escolas as Propostas Curriculares de Mesquita, que nortearam as discussões para a montagem do planejamento dialógico de cada Unidade Escolar. O documento trata um pouco da história da criança, diz quem são os alunos hoje no município, aborda o brincar, o letramento, a sexualidade e a questão da inclusão, além disso, propõe os eixos norteadores a cada faixa etária, a matriz curricular e por fim, apresenta a temática da avaliação. Nessa Proposta Curricular a questão família – escola não foi esquecida, um pequeno trecho do documento destaca a importância da presença da família. Diz o documento:

O Estatuto da Criança e do Adolescente reafirma, em seus termos, que a família é a primeira instituição social responsável pela efetivação dos direitos básicos das crianças. Sendo assim, Escola torna-se PARCEIRA de suas FAMÍLIAS mediando na ação sócio-educativa de nossas crianças, acompanhando o desenvolvimento e intervindo no crescimento harmonioso do educando. A instituição escolar deve estabelecer um diálogo aberto com suas famílias, socializando e democratizando os interesses e necessidades da criança, conscientizando-as da importância de fazer parte do contexto escolar, visto que, a vivência familiar é insubstituível (SEMED. 2003, p.03).

O documento é muito bom, mas aparentemente, ele só foi usado em um único momento, no início do ano, na “montagem” do planejamento dialógico, que é individual a cada Unidade Escolar, tendo ausência de uma universalidade. Ele mostra a importância do desenvolvimento integral da criança e aponta que a família deve fazer parte deste processo.

4.3 - Os resultados da pesquisa.

Achamos pertinente a entrevista com as famílias para percebermos como elas vêem a escola de seus filhos em vários aspectos, para isso, passamos o mês de abril de 2009

conversando com estas famílias da escola particular e da escola pública e descrevemos os resultados nos quadros comparativos abaixo. Importante frisar que a totalidade da representação dessas famílias nas entrevistas realizadas foi do público feminino, caracterizando a presença do feminino na responsabilidade da educação e acompanhamento da educação das crianças e do estabelecimento da relação com a escola.

4.4 – Quadros Comparativos

QUADRO I: ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS EM RELAÇÃO À ESCOLA

O que você acha da escola de seu filho em relação:	Ótimo		Bom		Regular		Péssimo	
	PA	PU	PA	PU	PA	PU	PA	PU
Ensino	1	3	6	2	2	0	0	4
Organização	3	4	4	2	2	2	0	1
Funcionários	3	2	6	5	0	1	0	1
Aos professores	4	5	5	2	0	0	0	2
A Direção da escola	5	6	4	2	0	1	0	0
Reuniões com os responsáveis	0	3	4	4	5	0	0	2
Relacionamento com os responsáveis	0	3	9	4	0	0	0	2
Relacionamento com os alunos	0	4	8	5	1	0	0	0

Continuação	Escola Particular	Escola Pública
O que você acha que precisa melhorar na escola de seu filho?	Cinco responderam que não precisa mudar nada, e outras colocaram as reuniões de pais, os ventiladores nas salas de aulas, o uniforme, e incluir o ensino médio.	Quatro responderam o ensino, duas - a atenção dos porteiros, uma - a falta de livros, uma - diminuir os dias sem aula e uma respondeu que nada, está bom assim.
Como é sua relação com a escola? E a relação da escola com você?	Todas consideram as relações boas.	Sete responderam que são boas e duas disseram que precisa ter mais diálogo por parte do professor.

QUADRO II: ENTREVISTA COM A FAMÍLIA EM RELAÇÃO AO ASPECTO SÓCIO-CULTURAL:

Como é a sua vida?	Escola Particular	Escola Pública
Onde você mora?	Sete moram no mesmo bairro (Rocha Sobrinho) e duas no bairro vizinho (Maria Cristina).	Cinco moram em Maria Cristina, três moram em Rocha Sobrinho e uma mora em Jacutinga.
Como é o Bairro onde você mora?	Dos sete que moram em Rocha Sobrinho, seis classificaram como tranquilo, porém ressaltando carência de cultura, de praças e muito lixo. Uma classificou como péssimo pela falta de educação das pessoas em relação aos lixos, a andar nas vias de carros, etc. E as duas que moram no bairro de Maria Cristina classificaram como precário em tudo, principalmente em saneamento básico.	Os três que moram em Rocha Sobrinho disseram que o bairro é bom e tranquilo, os cinco de Maria Cristina e uma de Jacutinga disseram ser péssimo pela falta de asfalto e saneamento básico.
Quantas pessoas têm em sua família?	Quatro famílias de três pessoas, três famílias de quatro pessoas e duas famílias de duas pessoas.	Dois famílias de cinco pessoas, duas famílias de três pessoas, quatro famílias de quatro pessoas e uma de sete pessoas.
O que aprendeu na escola tem algum significado na sua vida? Isso ajuda na educação dos seus filhos?	Todas responderam que sim e que ajuda na educação dos filhos.	Oito disseram que sim e uma disse que muito pouco.

O que vocês fazem para se divertir?	Relacionaram da seguinte forma: Shopping, comer fora, cinema, casa de parentes e amigos e parque de diversões. Apenas uma citou igreja e uma citou fica junto.	Relacionaram da seguinte forma: ver televisão, ir à praça, casa dos parentes, ir ao parque e ir ao Shopping. Uma colocou que de vez em quando vai a um sítio e uma colocou que não faz nada porque não tem dinheiro pra isso.
Como costumam saber das notícias?	Todas assistem telejornais. Destas, cinco lêem jornais e uma acessa a Internet.	Todas disseram jornal e televisão e uma desta disse Internet.
Como é o seu relacionamento com os vizinhos?	Todas responderam que é bom.	Oito disseram ser bom e uma disse ser normal.

QUADRO III: ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS EM RELAÇÃO AO ASPECTO SÓCIO-CULTURAL:

Como é a sua vida?	Escola Particular	Escola Pública
Como é sua família?	Classificaram de forma positiva: Uma ótima, uma grande, duas brincalhona, quatro boa, cinco legal. Alguns classificaram com mais de um adjetivo	Classificaram de forma positiva, Ótima, boa e grande, apenas uma delas disse que era ruim porque brigavam e batiam nele.
Você gosta da sua família?	Todos responderam que sim, alguns destacando que gosta porque brincam e conversam com ele.	Todos responderam que sim.
O que você faz quando não está na escola?	As respostas foram variadas: brinca de tudo, brinca sozinha, faz os deveres da escola, ver TV, brinca no computador e/ou , joga bola, videogame. Uma delas citou que ajuda nos afazeres de casa e uma outra, faz bijuterias.	As respostas foram parecidas, brincam no quintal, vêem televisão, dormem e brincam com brinquedos. Apenas um deles disse que ajudava nos afazeres de casa e às vezes brincava.
Para onde você costuma sair?	As respostas foram bastante variadas e repetidas: shopping, lanchar fora, festa, parque, praias, casa de amigos e parentes dos pais, viajar.	A maioria disse casa de parentes e continuarão com idas ao Piscinão, ao sítio, praças, shopping, Carrefour, Nova Iguaçu e Mc donalds.

QUADRO IV: QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO ÀS FAMÍLIAS:

O que você espera das famílias?	Escola Particular	Escola Pública
Como você se relaciona com as famílias dos alunos?	Todas responderam que se relacionam muito bem com as famílias.	Todas responderam que relacionam bem, de forma respeitosa e buscando parcerias.
Em sua opinião, a família contribui ou atrapalha no desenvolvimento da criança?	Todas responderam que contribui.	Todas responderam que contribui. Uma respondeu que atrapalha quando não contribui.
De que maneira as famílias as famílias poderiam estar sendo inseridas na escola?	As respostas foram parecidas: em eventos realizados pelos alunos dentro do contexto escolar, projetos, reuniões e em todas as atividades que a escola desenvolve.	Projetos e reuniões mais atraentes, formação de grupos de mães voluntárias para ajudar a escola e integrar a família nas atividades que a escola desenvolve.
Você desenvolve ou já desenvolveu algum trabalho com as famílias dos alunos?	Todas responderam sim. A reunião de pais e as festividades da escola (datas comemorativas)	Duas responderam sim, as festividades das datas comemorativas e uma respondeu que não e que não tem vontade de desenvolver, porque acha que só as reuniões contemplam seu incentivo na parceria com os responsáveis.

QUADRO V: RODA DE DESENHO, LEITURA E ESCRITA.

Você mudaria sua escola?	Escola particular	Escola Pública
A escola que queremos	As respostas dos alunos do 3º, do 4º e do 5º ano, foram praticamente iguais. Disseram: <ul style="list-style-type: none"> • Precisam ter mais tempo de recreio; • Diminuir as filas da cantina; • Ter mais tempo de recreação; • Diminuir o tempo das filas de entrada e saída de turno. 	Pré: parquinho (escorrego. Balanço, casinha de bonecas...), flores, gramas (natureza) e piso colorido. 1º ano: Jogar bola, bola-de-gude, brincar na hora do recreio, lanchar, bancos no pátio para sentar, fazer pouco dever. 2º ano: Mais carinho, alegria, respeito, amor, educação, atenção, paz e bola para brincar na hora do recreio.

4.5 – A análise comparativa: o diálogo entre a experiência educativa e de relações, no público e no privado.

- As famílias em relação à escola.

Entrevistamos as famílias dos alunos das duas escolas pesquisadas, para sabermos os pensamentos delas em relação à escola de seu filho. Fizemos perguntas simples, porém necessárias e de grande relevância. E algumas observações nós queremos descrever. Em relação ao ensino, a escola pública apresenta uma contradição de opinião entre as famílias, quando quase cinquenta por cento acham péssimo e outra metade acha ótimo o ensino. Na escola privada essa contradição não existiu, considerando o ensino bom em sua maioria. No aspecto da organização da escola, a escola pública e privada dividiu opiniões entre bom e ótimo, apresentando satisfação e achando uma organização adequada.

Como estamos pesquisando a relação da escola com a família, perguntamos sobre os relacionamentos, como classificariam as relações de todos os envolvidos no processo escolar: funcionários, professores, direções, responsáveis e alunos, e obtivemos os seguintes retornos; quanto aos funcionários, as duas escolas relataram que tem um bom relacionamento, afirmando que gostam dos tratamentos recebidos pelos os funcionários da secretaria, inspetores, coordenadores etc.

Sobre os professores, que são julgados como os mais importantes no processo, tivemos na escola privada respostas entre ótimo e bom, ou seja, estão satisfeitos e na pública também demonstraram satisfação. A maioria classificou os professores ótimos, apenas duas como péssimos.

A satisfação demonstrada pelas as famílias aos professores se estende à direção das duas escolas, apresentando os mesmos resultados.

E como as famílias se sentem nessa relação? Como se vêem nesse processo de interação, aceitação e relacionamento? Essa foi uma das perguntas que tiveram um peso e uma importância muito grande em nossa pesquisa. No entanto foram as que menos expressaram, apenas classificaram; na privada relataram que a escola tem bom relacionamento tanto com os responsáveis, quanto com os alunos, e na pública dividiram entre bom e ótimo.

As famílias considerando pertinente saber o que precisa ser melhorado na escola do filho, responderam de forma diferenciada nas duas escolas, pois as realidades físicas e nível de ensino são distintos. Começando pela privada, a maioria está satisfeita, não relatando nada.

Outra parte relatou a reunião de pais, ponto questionado pelos responsáveis entrevistados, onde disseram: “Gostaria que tivesse mais reuniões de pais, só tem uma no ano, a escola dá liberdade para falar com a equipe a qualquer momento, mas sinto falta do contato com outros pais”. Outra diz: “Deveria ter mais reunião, porque só tem uma. Quem não pode está na escola todo dia como eu, não tem oportunidade de falar com os professores”. A escola só oferece uma reunião no início do ano letivo e coloca todas as informações, metodologias de trabalhos, projetos a serem desenvolvidos etc, e não faz mais nenhuma durante o ano. Essas famílias que citaram essa questão acham que deveria ter mais reuniões até para interagir com os outros pais, para se colocarem coletivamente os pontos do cotidiano escolar que estão bons e os que não estão.

O que leva essa escola a não se preocupar em reunir as famílias pelo menos uma vez por bimestre e procurar ouvi-las coletivamente? Essa questão demonstra que a escola quer ter o controle da situação. Surgindo algo que os pais reclamem, estes são chamados separadamente para se resolver. Então essa pode ser uma estratégia de não querer que os responsáveis juntos demonstrem alguma força, que sozinhos não teriam. Mas também questionaram os poucos ventiladores nas salas de aula, a mudança de modelo e cor do uniforme, achando que já está muito tempo do mesmo jeito. Apenas uma relatou algo positivo, que gostaria que a escola ampliasse o nível de ensino, incluindo o Ensino Médio, pois gosta tanto da escola que ficaria satisfeita que seu filho concluísse o fundamental e o médio na própria escola.

Queremos ressaltar que na escola pública houve duas responsáveis que demonstraram insatisfação em relação aos professores. Uma disse: “Eles não ensinam nada, não querem nada!” E outra disse: “Meu filho está no 2º ano e ainda nem sabe ler!” E esse resultado está diretamente ligado à questão sobre o ensino: as duas que classificaram o ensino como péssimo, reafirmam agora a sua insatisfação nos professores. No entanto, foi um quantitativo pequeno, em relação à maioria que os classificaram como bons. Mas nos faz pensar que algo precisa ser melhorado, e isso elas mesmas expressaram. Quando perguntamos sobre o que precisava ser melhorado, e citaram o diálogo por parte dos professores dizendo: “Os professores precisam falar mais com a gente! A gente que tem que correr atrás dele!” Continuam colocando o ensino como algo que precisa ser melhorado, mas colocaram a atenção dos porteiros, falta de livros, e diminuir a suspensão de aulas. Apenas uma acha que está tudo bom. Alguns questionamentos são relevantes, como dias sem aula, por vários motivos, professores vão para uma formação da SEMED, reunião pedagógica, falta d’água, eleição etc. Percebemos colocações distintas nas duas escolas, porém válidas para serem

analisadas. Essas justificativas acontecem em cima da hora, muitas vezes as famílias não são nem informadas, e isso faz com que as famílias percam a credibilidade do trabalho da escola.

- A família em relação ao aspecto cultural.

Foi necessário conhecermos um pouco da vida sócio-cultural das famílias pesquisadas, e para isso, realizamos perguntas relacionadas com o seu dia a dia e sua forma de viver.

Interrogando onde mora e como é o seu bairro, percebemos que a maioria que estuda na escola particular mora no mesmo bairro onde a escola está situada, chamado de Rocha Sobrinho, e apenas duas moram no bairro vizinho, chamado de Maria Cristina, sendo um bairro mais carente em saneamento básico e sem serviços para a população, como escola, posto de saúde, comércio etc. Já na escola pública, ocorre o inverso, a maioria mora no bairro de Maria Cristina, e um mora em outro bairro mais distante chamado Jacutinga, que também é um bairro carente. Nesse mesmo contexto interrogamos como é o relacionamento com vizinhos e todos afirmaram ser bom.

O número de filhos das famílias da escola particular é menor, no máximo dois, e das famílias da escola pública varia de família com um filho e outras com muitos filhos, cinco, seis ou sete.

Entrando no aspecto sobre conhecimento/informação, todas da escola particular e a maioria da escola pública conseguem fazer ligação do que aprendeu na escola com a vida e com isso ajudam seus filhos na educação escolar, apenas uma da escola pública acha que consegue muito pouco fazer essa ligação dizendo: “estudei pouco e quase não lembro de nada, além disso, não tenho paciência”. Todas as famílias das duas escolas afirmaram saber das notícias através de telejornais, algumas de jornais impressos e apenas duas pela Internet, sendo uma de cada escola.

E por último, saber como essas famílias fazem para se divertir, as respostas das duas escolas foram parecidas, relacionando: Shopping, casa de parentes e amigos, ir à praça, ver televisão, parque de diversão, uma da escola particular citou a igreja como diversão, e outra ficar junto dos familiares para ela é diversão. Da escola pública uma disse que não sai para nenhum lugar e diz: “Não tenho dinheiro para isso!”.

- O aspecto sócio-cultural das crianças.

O bairro de Rocha Sobrinho é “cortado” pela linha do trem, assim, no mesmo bairro, temos duas realidades, uma boa e outra nem tão boa assim. Para discutir a relação das famílias com a escola, foi necessário que conhecêssemos que famílias são essas, ou seja, os aspectos sócio-culturais que descrevem e referenciam o aluno e os membros com quem convivem, para entendermos a sua realidade e realizar a pesquisa através desse conhecimento. Portanto, foi relevante a entrevista com os alunos e com as famílias, com perguntas simples, mas com dados importantes onde informariam a forma como e onde vivem.

Após as pesquisas nas duas escolas, observamos que não há diferença na relação de afeto entre as crianças e suas famílias. Mesmo a criança que respondeu que a família era ruim porque batia nele, quando foi perguntado se gostava de sua família, ele disse que sim, o que concluímos que o “bater” é o jeito da família corrigir os erros da criança. As respostas foram praticamente iguais quando responderam sobre o que faziam quando não estavam na escola, teve apenas uma resposta diferente. Um aluno da escola particular, disse: “Eu passo a tarde brincando no computador”. Houve igualdade até em relação a ajudar com as afazeres de casa. A grande diferença é a questão da diversão. Enquanto os alunos da escola particular têm uma vida social mais ampla, para os alunos da escola pública, suas falas são condizentes com a das famílias e a diversão se resume à casa de parentes e compras em mercado, além da resposta “nada”.

A diversão é um fator muito importante na vida de qualquer ser humano, principalmente, da criança. Se privar dela é se tornar mais tímido, inseguro e triste, o que prejudica e muito a vida social seja em qualquer instituição. Assim, identificamos um pouco o perfil de nossos alunos, que se tornam agressivos, pouco sociáveis e comunicativos. A diferença sócio-econômica permite que os alunos da escola particular tenham mais contato com outros ambientes, tornando-os mais comunicativos.

- Os professores em relação às famílias

A relação família-escola não depende apenas das famílias. Então apuramos também o que os professores pensavam das famílias. O que podemos observar é que os professores sabem da importância da presença das famílias na escola, porém, na escola particular temos mais uma vez o fator sócio-econômico posto a frente. Assim, o que aparenta é que esta importância é apenas comercial, pois todos os professores se colocaram a respeito das

festividades, ou seja, precisam mostrar para as famílias onde eles estão investindo. Já na escola pública, os professores também disseram as festas, mas não esqueceram a importância da presença diária e até sugeriram idéias. Porém, duas respostas nos chamam a atenção. Uma delas diz: “A família atrapalha quando não contribui”. Nesse caso, a contribuição se refere à presença da família na escola quando é chamada, e quando não existe apoio para a realização de atividade, o que demonstra que o professor apresenta interesse específico – resolução de problemas; falar com a família dos alunos “problemáticos”. Então, reclama que a família não comparece. Outra colocou que tem um grupo de famílias muito participativas, que dia-a-dia estão se comunicando, ela diz: “Não preciso chamar as minhas mães não, elas por si só, já comparecem”.

A diferença da escola particular para a escola pública está mesmo na questão sócio-econômica, porém, a escola pública se mostra muito mais preocupada na ajuda aos alunos, pensando em seu bem estar, na sua vida e no seu futuro.

- Roda de desenho, leitura e escrita - Qual a escola que queremos?

A pergunta bem simples e bem esclarecida. Com as crianças menores, fizemos roda de desenho e com as maiores, de leitura e escrita. Com elas, assim, houve oportunidade de expressarem da maneira que quisessem, o assunto. As respostas foram parecidas, tiveram os mesmos propósitos: tanto as crianças da escola privada quanto as crianças da escola pública se preocuparam muito com a questão do brincar e tempos livres. Assim, as crianças da escola pública pediram parquinhos e brinquedos. Porém, as crianças do 2º ano foram bem mais a fundo, e pediram respeito, atenção e educação. Eles desejam a brincadeira, mas já conseguem perceber a maneira como são tratados, como adultos, sem respeito enquanto crianças, ouvindo em um tom que não lhes cabe, e pelo visto, não lhes agrada muito. As crianças da escola privada pediram mais tempo livre e menos tempo de fila quando comentaram que: “Só temos o horário do recreio e até a gente comprar a merenda, nem deu pra brincar! Na hora da entrada, o sistema é tão rigoroso que cansa até quem está de fora, A coordenadora pede por várias vezes para que as crianças “cubram” e fiquem “firme” até quando ela acha que estão todos corretos para entoar o Hino Nacional. As crianças olham para quem está de fora e fazem um “ufa” !

Em relação aos pedidos das crianças, entendemos que é muito natural quando comentaram: “Só querem mandar, não deixam a gente brincar! Ou quando: Nem o vigia acredita em mim! Se falo que já saí, ele quer brigar comigo! Tanto as escolas pública, quanto

privada, estão esquecendo de valorizar suas crianças enquanto crianças, esquecendo da sua principal fase que é a infância.

4.6 - A nossa vivência enquanto educadoras da Escola Municipal Presidente Castelo Branco.

Sabendo da importância da participação da família na escola e querendo a participação delas, eu, Cristhiane, sempre fui muito atenciosa. As mães gostam dessa atenção, gostam de falar sobre a própria vida e as coisas que acontecem com elas. Acredito que ouvi-las é o primeiro passo para conquistar esta parceria, porque depois, fica bem mais fácil chamá-las para qualquer tipo de conversa, presença e participação em qualquer atividade e isto sempre deu certo, sempre consegui.

A nossa pesquisa na escola pública, foi realizada com poucos professores – colegas, nossos pares, e o que eles demonstraram, foi totalmente o contrário do que observo na realidade. Sem querer generalizar (não são todos), mas, da gestão até o auxiliar de serviços gerais, quase todos querem ver a família o mais longe possível. As palavras sobre elas não são boas, e apontam claramente para o porque da não-relação com a família. O que se apresentou é que os profissionais da escola vêem a família somente como causadora de problemas. Então, a escola critica a família, a família critica a escola e ambos se distanciam.

No nosso contexto escolar, acontecem reuniões bimestrais, com a intenção de passar conceitos e desempenhos dos alunos. Pelo que vejo, estas reuniões são sempre muito vazias e sempre tem professor reclamando que o “pai” de cujo filho precisam falar não comparece. Este pai, ao meu entender, não comparece porque sabe que vão só reclamar de seu filho, vai ouvir o que já está cansado de saber. O professor deveria reclamar sim, porém, dar sugestões, um suporte, para que esta família possa ajudar seus filhos, assim acontece uma boa relação entre escola e família. Parece que as divergências de pensamentos e ações dos professores esteja apoiada numa gestão falha, na qual não há um projeto de identidade próprio da escola, onde pudéssemos agir orientados/apoiados nele, tendo em vista objetivos coletivos de democratização do espaço escolar.

As mães sabem da importância do filho na escola e fazem sua presença ser diária, mas também sabemos que muitas mães têm outros interesses, como por exemplo, os benefícios do governo federal, em manter esta presença diária. Elas são sempre muito questionadoras e a todo o momento buscam ao seu modo, saber do que acontece ou o que vai acontecer na escola, mesmo que entre brigas e discussões, num jeito meio truncado, de se fazer presente. A

mãe ou a família que não faz isto não sabe, ou vai ser a última a saber o que acontece na escola.

Vejo as crianças ao mesmo tempo sonhadoras e perdidas. Sonham com um futuro, mas não têm certeza do que vai acontecer. Têm uma baixa auto-estima e nem pensam em suas atitudes. Para muitos, a escola é um refúgio da vida que levam e outros são “empurrados” pelas famílias. Para os menores (com os quais a pesquisa foi realizada) a escola é maravilhosa, mas falta cor e brinquedos (e realmente falta). Eles fazem uma grande relação da escola com o brincar e nem pensam na questão do ensino-aprendizagem.

Acredito num futuro melhor da escola se houver uma estrutura melhor partindo da gestão, em conjunto com os professores e profissionais, que devem estar cientes da importância da relação com as famílias para melhorar o desempenho das crianças. O conjunto escolar precisa entrar em ação para compor um projeto político pedagógico atuante e real.

Eu, Joelma, atuo como Orientadora Educacional da Escola Municipal Pres. Castelo Branco e sinto a necessidade de fazer um trabalho mais efetivo com as famílias de nossas crianças, pois, no decorrer dos encontros com essas famílias, pelos motivos mais variados, percebo que elas precisam ser acolhidas, ouvidas em suas realidades e orientadas em muitas informações e conhecimentos. Isto, não para cobrá-las, mas para fazê-las pertencentes a todo o processo educacional. Tenho procurado desenvolver algumas atividades e projetos para atingir a necessidade descrita acima como: leitura em família, onde os alunos levam um livro de literatura infantil e um caderno de registro, e eles têm que ler juntos e depois registrar algo sobre a leitura. Outra atividade é convocar os alunos que se destacaram no bimestre e colocar bilhetes parabenizando os pais pela dedicação e acompanhamento do filho. Procuro também confeccionar um mural informativo para os pais, com reportagens importantes sobre a relação com os filhos e promover encontros com temas de interesse anteriormente pesquisados por eles, convocando profissionais de fora da escola, ou nós mesmos da escola organizamos e realizamos os encontros.

Neste ano, será desenvolvido no segundo semestre, o projeto ‘Brincar em família é importante’, com o mesmo objetivo da leitura em família, só que ao invés de livros para casa, levarão um jogo para brincar com os pais e irmãos, e depois registrar e partilhar na escola essa experiência. Tenho consciência que só isso é pouco, que a escola como num todo precisa estar atenta a essa questão, tendo projetos e atividades envolventes, relatados no Projeto Político Pedagógico da escola, e colocados em prática com seriedade e comprometimento.

Nossa escola ainda não tem um Projeto Político Pedagógico atualizado, sendo o último elaborado em 2002. Portanto, ainda não podemos discutir uma filosofia, um direcionamento

pedagógico coletivo por estarmos esperando decisão da SEMED. Porém, independente disso, temos que buscar outros caminhos, não “cruzando os braços”.

Temos no calendário escolar pelo menos duas vezes ao ano o Projeto Família na escola, onde percebo que acontece uma grande mobilização da escola para apresentar um bom trabalho. No entanto, fico um tanto incomodada porque a mobilização só acontece porque foi algo imposto pela SEMED, e não partiu da necessidade de nossa escola. A Direção se empenha o máximo e faz com que todos se empenhem, para que os itinerantes da SEMED visualizem a dedicação. Não quero expressar que não seja importante a iniciativa da SEMED sobre o Projeto, e que a Direção não deva se empenhar, mas quero ressaltar que não é só isso que devemos fazer, devemos como escola identificar as formas que de fato, integram as famílias no contexto educacional, e seria de grande importância que partisse da Direção esse trabalho, ou pelo menos apoiando quem se interessa por realizá-lo.

Como faço parte dessa escola, percebo também que alguns professores não são cordiais, e não gostam de lidar com os responsáveis, mas outro grupo demonstra interesse e preocupação de trazê-lo para uma melhor integração. Como diz a professora da Educação Infantil: “Procuro estabelecer uma relação de parceria, pois só unindo as forças é que conseguiremos dar conta de uma educação de qualidade para as nossas crianças”. Mas o que relata a professora ainda é um trabalho individualizado e feito por alguns. Existe a necessidade de buscar também o coletivo, pensado coletivamente por todos os profissionais e as famílias colocado em prática no dia-a-dia da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso objetivo com a pesquisa foi concluído. Embora, sabendo que ele está em curso permanente, em movimento e ação. Durante o tempo em que tivemos em campo buscamos, como definimos em nosso objetivo, compreender as concepções e atitudes das instituições família e escola em suas atuações e limites no processo educacional, investigando as possíveis influências desta relação no desenvolvimento integral da criança. Assim, conversamos com as famílias, com as crianças e com os professores e chegamos a duas conclusões. A primeira é que na relação escola-família, o fator sócio-econômico influencia bastante as decisões e a segunda, é que há uma grande falta de diálogo entre ambas as partes.

Enquanto a escola privada faz da família “clientes” e procura atendimentos individuais, se afastando do coletivo, assim, como em um negócio, o cliente sempre tem a razão, é difícil não atender a uma solicitação seja dos pais ou até mesmo das crianças. Na escola pública, como a maioria dos pais tem um poder aquisitivo menor, se envergonham de chegar, de participar, de exigir alguma coisa. Essa é a falta de diálogo e uma grande contradição nas falas, pois enquanto o professor reclama que a família não comparece, a família reclama que o professor não a chama. Percebemos esta distância, quando a família se limita a chegar somente até o portão ou quando não comparecem em festividades.

A fala dos alunos do 2º ano da escola pública nos chama atenção. Como são um pouco maiores, relataram que está faltando na escola mais carinho, atenção, educação e respeito, fala que as mães também citaram quando se colocaram principalmente em relação aos vigias. Então a família e a criança sentem a mesma falta. Como já citamos, eles têm uma “liberdade” que nem eles mesmos gostam. Nos parece informar que estão tentando chamar atenção de qualquer jeito, até que alguém os atenda.

Acreditamos que se as escolas dessem mais atenção às famílias enquanto pessoas e não como parte da instituição, a relação seria bem melhor. A escola privada precisa ouvir o coletivo e a escola pública precisa ouvir o individual. Se a escola pública atendesse os pedidos de respeito e atenção, as reações dos alunos seriam outras, sem tentar ficar chamando a atenção com agressões, piadas e discussões. O mesmo caso na escola privada, pois se a família fosse ouvida coletivamente, as reclamações diminuiriam e as crianças, mais tranquilas, se preocupariam apenas com seu estudo. Eles querem ser ouvidos e respeitados. A escola vem cobrando os deveres dos alunos, com o discurso de que é formadora de cidadãos, mas esquece dos seus verdadeiros deveres e de se preocupar com a verdadeira formação. Assim, comprovamos que se realmente a escola se relacionasse bem com as famílias, o

desenvolvimento do aluno seria integral, pois ele deixaria de lado as desavenças e daria mais valor ao seu aprendizado.

No decorrer da pesquisa foi também possível refletir sobre vários aspectos relacionados ao assunto, e acreditamos que pudemos trazer uma boa reflexão e contribuição para a melhoria do nosso trabalho, e para os outros que queiram aqui também refletir. Outros que como nós, vem se inquietando com o tipo de desenvolvimento que vivem nossas crianças, percebem que a família é fator importante nesse processo, evitando culpabilizá-la, ou julgá-la como responsável pelo insucesso da criança na escola.

Pudemos compreender que existe sim preocupação e interesse de que a família esteja presente na escola, mas essa presença tem sido mecânica, por vezes apenas para ajudar em festas, nas atividades de casa, doando algo para escola etc. Nos momentos em que esta vem à escola para solicitar, cobrar ou sugerir algo, sua presença não é bem vinda.

Hoje temos uma política pública de Conselho Escolar nas escolas das redes pública, e nossa escola começou com esse processo no ano passado, com eleição para formar os conselheiros, sendo composto também por pais de alunos. No entanto, percebemos que por enquanto não estamos vendo a participação efetiva desses pais nas decisões importantes a serem tomadas pela Direção da escola, pois essa é umas das atribuições do Conselho Escolar.

Na escola particular também existe a dificuldade de trazer os pais para participar de decisões pertinentes no processo educacional e administrativo, deixando visível quando a coordenadora relata que o Projeto Político Pedagógico é reelaborado pela equipe pedagógica, professores e alunos, não incluindo os pais nesse processo importantíssimo. Vimos que no respaldo legal, existe o dever das famílias assegurar o direito à educação, mas também, como é muito bem redigido no ECA, que é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Então, essa participação deve começar a ser exercitada, vivida, como são outras do cotidiano, por exemplo, cantar o hino nacional, conselhos de classe, avaliações etc.

Parece existir um desejo por parte das famílias de que se sentir importante, pertencente aos ambientes que fazemos parte é algo fundamental para assumirmos esse dado lugar e a nós mesmos.

Quando estamos em algum lugar apenas para ouvir e não poder falar, com direitos e deveres que não são claros, não nos sentimos bem aceitos e não temos vontade de voltar. É o que parece ser o sentimento de muitos pais e famílias nesse processo, sem falar do aluno e de nós mesmos, professores.

Não basta apenas ser cordial e gentil, como percebemos, principalmente na escola privada, ser a estratégia utilizada para organizar o pertencimento. Parece-nos fundamental que todos sejam também membros atuantes no e do processo educacional, participando coletivamente de decisões relevantes, e desta forma, sintam o pertencimento ao contexto escolar.

A afetividade – afetar e deixar-se afetar, é algo que necessita ser cultivado, gestado e preservado por toda a comunidade escolar, professores, pessoal de apoio, alunos, gestão, a fim de assegurar às famílias a possibilidade de também serem afetivos com os filhos. Precisamos de um mundo com mais amor, e relações mais saudáveis, e a escola pode contribuir para isso.

No entanto, os profissionais da educação precisam está mais preparados para atuarem de forma integral e também se reconhecerem como pessoas inteiras, que formam pessoas integrais; vendo as famílias como potencial gerador, como sujeitos capazes de mudanças construtivas para suas vidas, de seus filhos, sua escola, sua sociedade. Será que os professores acreditam que são capazes de estar em movimento, de transformar-se enquanto a sociedade também se transforma? Qual a sociedade que queremos? Quais os parâmetros nos nortearão? Justiça, equidade? Ou competitividade e culpabilização?

O que falta aos professores? Boa vontade ou falta entendimento sobre si e sobre a vida? E a gestão? Será que conseguiremos fazer com que entendam o processo e sua importância? E as famílias? Como ‘ganhá-las’ para que se reconheçam como integrantes da escola? Esse trabalho é provisório e precisa ter continuidade em seu debate, organização de apontamentos e possibilidades, em especial nas escolas, lócus de possibilidade dessa relação. A possibilidade de colocá-lo em pauta, em diálogo-conflito, torna-se, ao nosso ver, um grande passo para apoiar as mudanças necessárias na relação entre família e escola, de forma a propiciar o desenvolvimento integral do aluno das séries iniciais.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZOTTI, Alda Judith – *Usos e abusos dos estudos de caso*. Cad. Pesqui. v.36 n.129 São Paulo set./dez. 2006
- AMARO, Ana; POVOA, Andréa and MACEDO, Lúcia – *A arte de fazer Questionário* – Tese de Mestrado – Faculdade do Porto 2004/2005
- CARVALHO, Maria Eulina. *Relações entre família e escola*. Cadernos de Pesquisa n.110 p.143-155. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, julho de 2000.
- CARVALHO, Maria Eulina. *Escola como extensão da família ou família como extensão da escola?* RBED, nº 25, 2004
- Constituição do Estado do Rio de Janeiro de 1989.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- CHARLOT, Bernard. *Relação com o Saber, Formação de Professores e Globalização* – Questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- DESSEN, Maria Auxiliadora e POLÔNIA, Ana da Costa – *A família e a escola como contextos do desenvolvimento humano*. Paidéia – Scielo. 2007 – v.17 nº 36
- DOLORS, J. Educação ao longo de toda a vida – in *Educação um tesouro a descobrir* (Relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI) São Paulo, Cortez Editora – 1997 p. 89 – 117.
- Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069 de 1990.
- FARIA FILHO, L.M. *Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação*. Revista São Paulo em perspectiva. São Paulo, v.14, n. 2, p. 44-50, 2000.
- FARIA, Sonimar. História e política da educação infantil. (in) Fazolo, E, Carvalho, M. Leite, M e Kramer, S (orgs). *Educação Infantil em curso*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.
- FREITAS Assunção, M. T. Vygotsky e Bakhtin. *Psicologia da educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 2007.
- GOBBO, Edenilza. *A tutela Constitucional das entidades familiares não fundadas no matrimônio*. Artigo. ed. 46/ 2000. (fonte. Portal jus-navigandi.com.br)
- KETZER, Solange Medina. A criança, a produção cultural e a escola. In. Magalhães, Cláudio et al. *A criança e a produção cultural* – Do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003 p. 11 – 27.
- KRAMER, Sônia – *Autoria e autorização – questões éticas na pesquisa com crianças*. Cad. Pesqui. n.116 São Paulo jul. 2002
- KRAMER, S. *Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular*. São Paulo: Ática, 2004.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares-as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2004.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9.394/96. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

www.cnm.org. Lei Orgânica do município de Mesquita. Lei nº 3.263 de 25 de setembro de 1999. Acesso em março, 2009.

LEITE FILHO, Aristeo. Proposições para uma educação infantil cidadã. In: GARCIA, Regina; LEITE FILHO, Aristeo (org). *Em defesa da educação infantil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARTINS, M. A. V. . O Professor como agente político. 4. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1995. v. I. 88 p

MEC, Indagações sobre o currículo – Brasil, 2008.

MEDINA, Carlos Alberto. Famílias e mudanças - Séries de programa Salto Para o Futuro <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/pef/pef0.htm>, (acesso em março, 2009)

MIRANDA, Luciana Lobo. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. In. JOBIM e SOUZA, Solange. *Subjetividade em questão: a infância como crítica cultural*. 7 Letras, Rio de Janeiro, 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice. *Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação*– UFMG
GT: Sociologia da Educação / n.14

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo e ZAGO, Nadir. Resenha *Família e escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. RBED, jan – abr nº 16 São Paulo, Brasil 2000 pp. 131-132

PEQUENO, Andréia Cristina Alves. *Educação e família: Uma união fundamental?* Espaço, Rio de Janeiro: n. 16, p. 9-13, jul./dez., 2001.

PEREIRA, R.M. Ribes. O que se cria. O que se copia. . In: JOBIM e SOUZA, Solange. (Org.). *Educação@Pós-modernidade: ficções científicas e crônicas do cotidiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, v. , p. 55-62.

RODRIGO, Jonas – *Estudo de caso – Fundamentação Teórica* – Vestcon Editora, Brasília – 2008

ROMANELLI, geraldo

ROSSINE Sanches, M. A. *Pedagogia Afetiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SALGADO, R. G. . Eu tenho a força!: os super-heróis mirins nos desenhos animados e na vida. In: Solange Jobim e Souza. (Org.). *Educação@Pós-modernidade: Crônicas do cotidiano e ficções científicas*. 1 ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, v. 1, p. 75-87.

TAKAHASHI, Fábio. *Professor de 1º à 4º série é o que menos evolui na faculdade*. Artigo do Jornal Folha de São Paulo – 10/10/2008

THIN, Daniel – *Para uma análise das relações entre famílias populares e escola*. RBED v. 11 n. 32 maio/ago. 2006 . 211P.

TIBA, Içami. *Ensinar aprendendo*. São Paulo: Gente, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva . *Introdução À Pesquisa Em Ciências Sociais*. A Pesquisa Qualitativa Em Educação. O Positivismo. A Fenomenologia. O Marxismo.. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1987. 173 p.

Uems.br/Propp/conteudopos/aae/entrevista.doc

VALLA, V. V. *A crise de interpretação é nossa: Procurando compreender a fala das classes subalternas*. Educação e Realidade, v.21, n.2, p. 177-1991, 1996.

ZACHARIAS, Vera Lúcia Camara – *A bibliografia de Henri Wallon* – Centro de Referência Educacional (consultoria e assessoria em educação). <http://www.centrorefeducacional.com.br/wallon.htm>. Acesso em março, 2009.

VYGOTSKY, WALLON E PIAGET - REVISTA NOVA ESCOLA –. Especial Grandes Pensadores - 2004

www.anped.org.br

www.inep.gov.br

www.scielo.org

ANEXOS

Anexo 1



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - IM
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE - DES

Curso de Pós-Graduação Lato Sensu
“Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos
de idade”

ENTREVISTA COM AS CRIANÇAS

1) Como é sua família?

2) Você gosta da sua família?

3) O que você faz quando não estar na escola?

4) Para onde você costuma sair?

Anexo 2



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - IM
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE - DES

Curso de Pós-Graduação Lato Sensu
“Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos de idade”

ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS

1) Onde você mora?

2) Como é o bairro onde você mora?

3) Quantas pessoas tem em sua família?

4) O que aprendeu na escola tem algum significado na sua vida? Isso ajuda na educação dos seus filhos?

5) O que vocês fazem para se divertir?

6) Como costumam saber das notícias?

7) Como é o seu relacionamento com os vizinhos ?

Anexo 3



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - IM
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE - DES

Curso de Pós-Graduação Lato Sensu
“Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos de idade”

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

1- Como você se relaciona com as famílias dos alunos ?

2- Na sua opinião, a família contribui ou atrapalha no desenvolvimento da criança ?

3- De que maneira as famílias poderiam estar sendo inseridas na escola?

4- Você desenvolve ou já desenvolveu algum trabalho com as famílias dos alunos?

Anexo 4



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DECANATO DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - IM
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE - DES

Curso de Pós-Graduação Lato Sensu
“Desafios do trabalho cotidiano: a educação das crianças de 0 a 10 anos
de idade”

ENTREVISTA COM OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

1. O que você acha da escola de seu filho em relação:

a) Ao ensino:

b) A organização:

c) Aos funcionários:

d) Aos professores:

e) A Direção da escola:

f) Ao relacionamento com os responsáveis:

g) Ao relacionamento com os alunos:

h) As reuniões de pais/responsáveis;

2. O que você acha que precisa mudar na escola de seu filho ?

3. Como é sua relação com a escola ? E a relação da escola com você ?
